



COMISSÃO ESTADUAL DA

**MEMÓRIA
E VERDADE**

DOM HELDER CÂMARA

**TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO RESERVADO REALIZADO EM
23/01/2014**

LOCAL : RESIDÊNCIA DOS DEPOENTES - RJ

DEPOENTES: MARIA DO CARMO BRITO (LIA)

E

SHIZUO OSAWA (MARIO JAPA)

MARIA DO CARMO - Perguntas! se você fizer perguntas...porque contar não, porque está tudo contado.

MANOEL MORAES- Eu tenho as duas coisas...

MARIA DO CARMO - Eu contar não, porque contar não porque tá tudo contado. Já até escrevi...

MANOEL MORAES- Não, eu sei mulher. Eu li. Exatamente, eu li. Cadê teu livro?

MARIA DO CARMO - Então presta atenção, presta atenção... Pergunta sim, eu contar a história toda de novo... Pelo amor de Deus!

MANOEL MORAES- Claro! Claro, eu entendo.

MARIA DO CARMO - Houve um momento...

MANOEL MORAES- Lia você autoriza a gravar?

MARIA DO CARMO – Claro, pode gravar! Não é essa questão.

MANOEL MORAES - Eu entendo. Eu entendo.

MARIA DO CARMO - Não! Não entende não. Não entende não. A gente sofreu muita ameaça...

MANOEL MORAES - Claro!

MARIA DO CARMO – Recebemos telefonemas de ameaças até a cobrar, da família dele de Recife. De todos os tipos possíveis.

MANOEL MORAES - A família dele?

DENISE ASSIS (assessora CV RJ) - Recente?

MARIA DO CARMO - Não. Na época. Então... É um saco.

MANOEL MORAES – E a família dele é de Recife? Vocês supõem, não é?

MARIA DO CARMO – Não, pode não ser família, pode ser alguém maldoso. Sabe-se lá.

MANOEL MORAES - Claro. Não, mas não se preocupe que em Recife o que não falta é gente... Eu sou de lá. Sou de Pernambuco.

MARIA DO CARMO – Não, eu sei, eu sei, eu ouvi. Mas não é disso que eu estou falando. Nem foi de Recife, foi do interior. Além de que, uma vez a “Isto é” esteve aqui e fotografou todo mundo e lá pelas tantas a gente começou a receber telefonemas assim: “a sua filha estuda no colégio tal” ...

MANOEL MORAES - Olha!

MARIA DO CARMO - “... seu filho estuda no colégio tal”. Então, a gente nunca deixou de dar depoimento sobre o Anselmo. Nunca!

MANOEL MORAES - Claro! Claro!

MARIA DO CARMO - Mas até hoje isso inferniza minha vida.

MANOEL MORAES – Não, Lia. Não se aperreie, não.

MARIA DO CARMO - Porque o cretino espalhou que eu era agente da CIA e amante do embaixador americano e até hoje tem gente, até íntimo, que ainda acredita nisso. É muito prejuízo pra um filho da puta só.

MANOEL MORAES – Não, claro! É sério, muito sério, eu entendo.

DENISE ASSIS - Aliás, ele além de matar um bando de gente, ainda prosseguiu fazendo esse tipo de insinuação.

MANOEL MORAES - Mas eu não quis dizer nesse sentido Lia, pelo amor de Deus...

MARIA DO CARMO – Não, faça a pergunta! Você pergunta. Você acha que vou começar a contar tudo de novo? Está tudo escrito no livro: “Eu fui lá... encontrei... ta...”

MANOEL MORAES – Em primeiro lugar, Maria, eu queria agradecer imensamente por você ter aberto sua casa...

MARIA DO CARMO - Imagina! O Japa viveu de uma outra maneira. Porque ele viveu, de Cuba, tentando sair. Pra poder pegar...

DENISE ASSIS - E ele esteve lá também fazendo sacanagem em Cuba, não é? O cabo Anselmo.

MARIA DO CARMO – Não, mas isso foi muito antes.

DENISE ASSIS - O cabo Anselmo, ele invadiu a casa da Maria do Lamarca, com as crianças, praticamente ameaçando eles, na época.

MARIA DO CARMO - Lá em Cuba?

DENISE ASSIS - É.

MARIA DO CARMO - Quando?

DENISE ASSIS – Lá, na época que ele ia sair. Porque ela começou a desconfiar dele, e ele...

MARIA DO CARMO - Mas que coisa esquisita, por que pra mim ele... Só depois que ele voltou é que ele passou pro lado de lá... Eu não entendo.

DENISE ASSIS - Não! A Maria já tinha informação.

MANOEL MORAES - Você não concorda com isso?

MARIA DO CARMO - Não. Eu não concordo nem um pouquinho. Maluquice dela!

DENISE ASSIS - A Maria já tinha a informação...

MARIA DO CARMO - Que informação!? É que o partidão espalhava isso pra todo lado, mas não necessariamente é verdade. Não é mesmo. Todo estrago que ele fez... São... É de coisas que ele podia ter entregue muito antes. Porque que ele não entregou isso muito antes? Por que ele ainda não era...

DENISE ASSIS - Você acha que ele começou a agir a partir do Chile?

MARIA DO CARMO - Não. A partir de quando ele voltou para o Brasil e foi preso.

MANOEL MORAES - 71.

DENISE ASSIS - Sim, mas, por exemplo, a queda da Cecília com as cartas para o Rubens... Existe essa insinuação de que foi informação dele de que ela chegaria com essas cartas.

MARIA DO CARMO - Mas ele não estava no Chile!

DENISE ASSIS - Dizem que estava.

MARIA DO CARMO - Não! Que conversa! Gente, mas que coisa mais doida! Ele ainda estava em Cuba em janeiro de 71, gente. Que coisa de maluco! Ele veio depois.

DENISE ASSIS - Dizem que a queda da Cecília...

MANOEL MORAES - Mas eu queria voltar um pouquinho. Eu queria voltar um pouquinho, e queria saber mais de você. E depois, a gente chegar na Var Palma...na VPR, naturalmente no contexto. No livro inclusive você fala... Tem uma passagem por Recife, não é? Você começa alguma coisa como uma prisão em Recife, o golpe chega quando você está em Recife... Como é essa passagem em Recife? Se você pudesse falar um pouco...

MARIA DO CARMO - Isso não tem nada a ver com Anselmo.

MANOEL MORAES – Não, não. Você. É isso que eu estou perguntando. Vamos voltar primeiro pra você, depois VPR, pra gente situar. Eu queria saber de você.

MARIA DO CARMO – Não era VPR, pra começar.

MANOEL MORAES - Isso! Isso!

MARIA DO CARMO - Nessa altura era POLOP ainda. O Juarez foi trabalhar na SUDENE, e eu ainda estava desempregada, eu acho. Nessa época eu era estudante e ele já tinha formado. Então eu fui pra... É engraçado, porque o Globo no Ar - 50 anos, aquela coluna, está falando exatamente do dia de hoje.

DENISE ASSIS - Ah sim, é mesmo?

MARIA DO CARMO – É. No dia de hoje, 23 de janeiro há 50 anos. A gente... Estava sendo organizado o Congresso da CUTAL - Central Única dos Trabalhadores da América Latina. Magalhães Pinto fez um escândalo, botou a direita toda na rua e o Congresso foi transferido pra Brasília. E eu fui por que eu estava na organização do Congresso, como interprete. E aí nós... Por isso que o Juarez já estava em Pernambuco e eu ainda estava em Minas. Porque a gente tinha passado um ano em Goiás e aí fomos, em princípio, pra Pernambuco e ele como já era formado, foi trabalhar lá e eu fiquei pra organização do congresso da CUTAL. E aí Magalhães Pinto arranhou um *auê* danado e está no jornal de hoje. Exatamente hoje. E a gente foi transferido pra Brasília e lá a gente ficou, fez o congresso da CUTAL, onde eu ouvi o melhor orador de todos os tempos pra mim, que era um cubano chamado Lázaro Peña.

MANOEL MORAES - Lázaro Peña?

MARIA DO CARMO - Um cubano chamado Lázaro Peña, que arrepiava a gente assim, que coisa meu Deus! E o padre Alípio estava lá, foi maravilhoso. Bom, isso em 64, não é?

MANOEL MORAES - Isso.

MARIA DO CARMO – É. Eu se fosse vocês , estava sempre dando uma olhadinha nesse “Há 50 anos” do Globo, porque...

DENISE ASSIS – Ah, eu sempre acompanho.

MARIA DO CARMO - Mostra o que estava acontecendo efetivamente. O que estava acontecendo...

DENISE ASSIS - O engendramento do golpe está todo caminhando...

MARIA DO CARMO - O golpe está todo ali, escrito. As manchetes, o comunismo pró soviético...

(trecho incompreensível, muitas falas ao mesmo tempo)

MANOEL MORAES - É.

MARIA DO CARMO - Esse período foi muito pequeno. Esse período da nossa vivência em Recife foi muito pequeno. O Juarez ficou lá, ele estava na SUDENE; eu estava aqui e depois eu fui pra lá e nós alugamos um apartamento e aí houve um Congresso da POLOP em São Paulo. E a essas alturas a gente tinha um núcleo em Recife que tinha 12 pessoas e tal. E então, como todos trabalhavam e eu ainda era estudante, eu frequentei aula uns três dias lá... Só. Porque aí houve o golpe!

MANOEL MORAES - Claro!

MARIA DO CARMO - Eu então vim pra reunião e a reunião terminou no dia 30 e eu cheguei em Recife 31 de março. Aí no dia primeiro estourou aquilo. A gente foi pra uma reunião na SUDENE, de lá descemos todos e decidimos dar uma ajuda pra Arraes. Aquela inocência!

DENISE ASSIS - Era Celso Furtado, na época?

MARIA DO CARMO - Eu não lembro, mas devia ser. Eu não tive nenhuma vivência formal, por que eu fiquei... Agora, ele não, ele passou uns três meses lá, mas eu não. Aí a gente desceu e se chama Campo das Princesas, o palácio, não é? E fomos dar uma ajuda. É, era assim a inocência batismal: “*Quem sabe se a gente for pra lá não, é? Ajuda!*” E eles começaram a atirar na gente.

MANOEL MORAES - Você estava na passeata dos estudantes?

MARIA DO CARMO - Estava!

DENISE ASSIS - Aquela que morreram os dois estudantes?

MARIA DO CARMO – Sim.

MANOEL MORAES - Você chegou a vê-los?

MARIA DO CARMO - Sim, eu ajudei a carregar. Eu e o Juarez.

MANOEL MORAES – Nossa, Lia!

MARIA DO CARMO - É horrível! Horrível porque a gente gritava: *“São tiros de festim!”* As pessoas gritando: *“São tiros de festim”*. Aí o Juarez me agarrou e falou: *“Não são tiros de festim! Não morre não!”* Mas aí a gente passou, a gente ajudou um pouquinho, mas depois as outras pessoas já pegaram. E foi aí aquele tiroteio generalizado...

DENISE ASSIS - A cena é horrível porque eles foram aquelas metralhadoras de tripé, era pra matar.

MARIA DO CARMO - Sei lá! A gente não viu isso. Não! A gente só viu quando começou a cair gente. Mas não foram tantos feridos caindo assim. As pessoas caíam de susto, caíam de tropeçar... Ele caiu muito perto da gente e foi por ele ter caído perto que o Juarez começou a gritar: *“Não são tiros de festim!”* Ele ainda ajudou a tirar ele dali...

DENISE ASSIS - Tinha 17 anos ou 20...

MARIA DO CARMO - É. Eu sei que eu tinha 19 ou já tinha 20? Sei lá. Não, eu tinha 21. Como eram os nomes deles mesmo? Porque eu não os conhecia. Eu era uma turista. Totalmente.

DENISE ASSIS - Eu achei o laudo cadavérico deles lá agora. Um levou um tiro na mandíbula e o outro teve o pulmão perfurado. E a cena é impressionante porque aquele bando de estudantes... Sem nada na mão...

MARIA DO CARMO - Naquela inocência total! Eram estudantes e funcionários da SUDENE.

MANOEL MORAES - Ivan Rocha Aguiar e Jonas Albuquerque.

MARIA DO CARMO - Isso mesmo, exatamente! Ali ninguém... Eu acredito que as pessoas se conheciam. O Juarez, estava com ele o José Expedito Prata, que era arquiteto e também trabalhava na SUDENE. Os dois já tinham se enturmado um pouquinho. Eu zero. Eu estava lá como mulher do Juarez.

DENISE ASSIS – Você era como um peixinho fora d’água.

MARIA DO CARMO - Totalmente! Nada a ver. A gente iria se enturmar. Aí naquela confusão, a gente cedeu nosso apartamento, que ninguém conhecia, pro partidão. Porque era o jeito. Ué, eram eles que estavam no poder e não tinham estrutura nenhuma. E não é que a gente tivesse adivinhado nada, mas simplesmente era um aparelho novinho, novinho, novinho. Nós cedemos. Aí fomos morar na... A gente foi passar um tempo no... Eu só fiquei poucos dias. Eu fiquei na casa do cara que era coordenador do Porto, que por sinal era um mineiro de Ouro Preto e aí o Juarez e o Prata ficaram lá e a POLOP convocou uma reunião, e lá fui eu pro sul de volta. Enquanto eu estava lá, eles foram lá atrás do cara do Porto, mas não acharam o cara. Acharam o Prata e o Juarez e prenderam os dois. Aí a gente viu que a coisa estava muito difícil, não é? E meio que recompondo o que era possível fazer, volto eu pra Pernambuco, onde eles foram presos. Porque até então eu estava legal. Não tinha nada a ver e fiquei visitando o Juarez na prisão até que num belo dia, eu estava em Recife andando, dois caras me agarram assim de lado, mas eram estudantes que estavam na casa que eu estava hospedada, eles estavam lá na hora que a polícia chegou e eles pularam pro outro lado e pela descrição física me acharam. Aquele jornal, um jornal tradicional de Recife...

MANOEL MORAES - Diário de Pernambuco? Jornal do Comércio?

MARIA DO CARMO - Não sei, um dos dois. Publicaram na primeira página o IPM do partidão que tinha... Uma dessas coisas inacreditáveis! O *lead* da primeira página dizia as pessoas importantes, que eram: Luís Carlos Prestes, Francisco Julião e Maria do Carmo Brito. Eu não era nada!

MANOEL MORAES - hahahaaa

DENISE ASSIS - Que absurdo!

MARIA DO CARMO - Eu não era nada! Nada! Nada! Nada! Uma menina! Então eu deixei de visita-lo na prisão, não é?

MANOEL MORAES - Claro!

MARIA DO CARMO - Eles me entregaram ao povo da arquidiocese e foi o pessoal da Ação Católica que ajudou.

MANOEL MORAES - Lucinha Moreira?

MARIA DO CARMO - Não. Felícia e mais... Rita Sipahi... Que é cearense. Elas que me abrigaram. Não! A Rita nem estava nesse apartamento. Bom, era a Felícia e mais três. Elas moravam num negócio, faziam o MEB e elas ficaram comigo lá um bom tempo.

MANOEL MORAES - Aída?

MARIA DO CARMO – Eu não sei. Eram quatro. Não adianta porque eu não... Mas o que eu não lembrar tá escrito. Porque também já passou mais tempo. E eu fiquei lá até que o povo montou o esquema pra eu vir embora pro sul.

MANOEL MORAES - O livro dela está aqui.

MARIA DO CARMO - Está aqui ó. É esse com os clips. Eu até já botei uns clips para marcar a parte do Anselmo. Mas aí, só pra resumir essa parte, o negócio foi ficando muito complicado. O livro não é muito político não, tá? É muito mais pessoal que político.

MANOEL MORAES - Com certeza.

MARIA DO CARMO - Aliás, eu fui obrigada a fazer esse livro. Pelo meu filho, meu marido e etc. por mim não fazia porra nenhuma. Não gente, não tem lá grandes valores literários a não ser na contribuição...

MANOEL MORAES - Tem. Tem sim. Tem um papel bem importante, Maria. Tem nos ajudado muito, é isso que eu quero dizer.

MARIA DO CARMO - Não, não é. Mas o fato é o seguinte. Então eu saí de lá. A gente usou a criatividade. As meninas bolaram um negócio bom. Primeiro pintaram o meu cabelo de preto e botaram batom, tudo que eu não sou... Fiquei bem parecendo uma putazinha.

DENISE ASSIS - Mas deve ter ficado bonito com esse olhinho azul, cabelo preto...

MARIA DO CARMO - Não!

MANOEL MORAES - hahahaha.

MARIA DO CARMO - Não! Nada que é contra natureza fica bom.

DENISE ASSIS - É. Isso é verdade.

MARIA DO CARMO - Fica artificial, ridículo!

MANOEL MORAES - Mas era o objetivo. O objetivo era esse, não é?

MARIA DO CARMO - Mas me enviaram num taxi e contaram pro cara do taxi que a minha mãe estava morrendo em Maceió. Então eu tinha que ir de carro. Aí eu deitei lá e tal e aí quando chegou lá na passagem, porque isso ainda é período de maio, junho, e isso é um período difícil em 64, aí os caras apareceram lá de holofotes. O motorista

deu neles a maior bronca. O motorista não estava em esquema nenhum: *“Essa moça está com a mãe agonizando, vocês não vão acordá-la!”* Aí os guardas recuaram. Aí chegou lá em Maceió, eu sou muito cara de pau, eu falei: *“Vamos fazer o seguinte, eu preciso dar um telefonema pro hospital. No primeiro lugar que tiver um telefone o senhor para”*. Era uma delegacia, eu falei: *“Não, não tem problema nenhum”*. Eu desci e voltei e falei: *“Olha, liguei pro hospital e ela foi transferida pro Rio de Janeiro. Toca pro aeroporto”*. Pronto. Assim eu saí.

DENISE ASSIS – Ah, que maravilha!

MARIA DO CARMO - Assim eu rompi o tal cerco da tal Maria do Carmo tão importante. Pra nada! Vocês não avaliam que coisas tão absurdas...

DENISE ASSIS - Você conseguiu embarcar?

MARIA DO CARMO - Lógico. Ninguém estava me procurando naquela área. Estavam me procurando em Recife. Entendeu a perfeição do golpe? Tudo improvisado. Parecia coisa de adolescentes, a Rita, a Felícia, ah, esqueci do resto...

DENISE ASSIS - Você tinha grana? Porque não existia cartão de crédito.

MARIA DO CARMO - Não! Ninguém tinha. Nem cartão de nada. Não!

DENISE ASSIS - Falando sério! Como é que você pagou essa passagem?

MARIA DO CARMO - Vaquinha! Vaquinha da turma. Provavelmente com a ajuda do Dom Helder. Não sei. Não sei. Não sei e essas coisas a gente não pergunta.

MANOEL MORAES - Acontecia. Exatamente.

MARIA DO CARMO - Aí eu cheguei no Rio de Janeiro, e a essas alturas mamãe estava presa em Belo Horizonte. Porque ela foi presa imediatamente porque era, na verdade, líder sindical e do movimento de mulheres. Ela já tinha sido solta e eu fui parar lá na sede nacional do JEC. A sede era aqui no Rio e dali achei a organização e aí pronto, o resto virou resto. E a essas alturas do campeonato o cabo ainda estava preso na quinta da Boa vista. E ele foi, é... É preciso entender, porque quando as pessoas dizem que ele saiu da Quinta da Boa Vista na hora que quis, mas todos eram assim nessa época. As prisões não... Em alguns lugares houve muita violência como aquele Wandencolk maluco em cima do Gregório Bezerra, em alguns lugares houve, mas no resto não, porque como não houve resistência, aquilo ficava entre cavalheiros. Eu conheço, eu conheço muito gente presa na época que não aconteceu nada e gente que aconteceu. Era no lotérico. Então, na Quinta da Boa vista onde estava preso o Anselmo, estavam vários outros companheiros. Até hoje eu sei de um, por exemplo...

MANOEL MORAES - Você não quer dizer o nome?

MARIA DO CARMO - Não sei. Não posso te garantir. Eu posso dizer que, por exemplo, um estava com uma crise de hemorroidas e os carcereiros providenciavam pra ele uma bacia com gelo pra ele sentar. Isso nem deve estar no livro porque o cara não gostaria. Está vivinho por aí, não interessa. O fato é que não eram as condições de carceragem...

MANOEL MORAES - Mas essa questão é seletiva...

MARIA DO CARMO - ...que passaram a ser depois. Então o fato do Anselmo circular e poder sair, não significa que ele era do inimigo.

MANOEL MORAES - Claro!

MARIA DO CARMO - De jeito nenhum. É porque eram condições...

MANOEL MORAES - Que naquele tempo estavam usando.

MARIA DO CARMO - Era! Estavam dadas. Eu não vou te jurar que ele não era. Pelos dados que eu tenho objetivos, não era mesmo. Ele podia ter entregado montanhas de pessoas na época e não entregou. Inclusive as que o soltaram. As que o soltaram, as pessoas que fizeram a açãozinha ridícula que levou a liberdade dele, que levou a saída dele do Brasil são pessoas que ele só foi dedar em 71. Então se ele fosse tinha sido na época.

DENISE ASSIS - Você acha que ele não era.

MANOEL MORAES - Você conheceu o Raimundo, não é? O Raimundo, José Raimundo, que ele é um suspeito não é? Ele teria sido uma das primeiras vítimas, pra ele assumir a liderança da VPR, não é? Não era o José Raimundo?

MARIA DO CARMO - ô Japa...

MARIO JAPA - Era o Moises, o Moisés.

MARIA DO CARMO - Moisés. É porque tem gente que você só conhece...

MANOEL MORAES - É, claro! Mas não foi ele?

MARIA DO CARMO - Conheci claro, é gente fina. Foi o Anselmo, mas aí já foi em 71.

MANOEL MORAES - Exatamente.

MARIA DO CARMO - Tudo isso é depois. Tudo isso é depois.

MANOEL MORAES - Então, eu digo, nessa libertação dele de 64?

MARIA DO CARMO - Não. Não! Não! Não!

DENISE ASSIS - Nessa época você acha que ele não era agente da CIA?

MARIA DO CARMO - Não. Claro que não. Nessa época, em 64, quem deu a liberdade a ele, quem fez a ação era povo do POLOP, Intelectuais, senhoras, gente da alta sociedade.

DENISE ASSIS - Empolgados com aquele liderzinho que surgiu?

MARIA DO CARMO - Não. Não era isso, não era. Por favor...

DENISE ASSIS - Então era o que?

MARIA DO CARMO – Não, eram militantes da POLOP. Trotskistas, coisa assim. não era, Que nada, que nada! Era um ato político sim. Eram militantes. Era tudo trotsko aqui. Tudo. A gente não participou. Mas eu sei quem fez e não adianta porque não vai resolver absolutamente nada e porque não vai alterar nada. Mas o fato objetivo é que estão todos já mortos.

MANOEL MORAES - Perfeito.

MARIA DO CARMO - Mas mesmo assim os parentes estão vivos, então deixa por aí. O fato é que ele foi libertado pela POLOP. Não tem nada de ele fugiu porque eles foram coniventes.

MANOEL MORAES - Foi uma ação dirigida.

MARIA DO CARMO - Foi uma ação! Só que a segurança era o nada não. Mas foi uma ação mesmo. POLOP soltou o Anselmo e levou ele, pra embaixada de outro país. Isso era o objetivo: sair do país. Se ele estava infiltrado ou não antes, o que estava na cabeça dele, não sou Freud nem ninguém pra explicar.

MANOEL MORAES - Claro!

MARIA DO CARMO - Os dados objetivos que a gente tem são esses. E quem dizia, quem dizia que ele já estava infiltrado era o partidão. O partidão tem essa mania, mas ele tem essa mania pra todo mundo.

DENISE ASSIS - É. Esticar o dedo.

MARIA DO CARMO - Se não fica lá, mata a Elza, mata não sei mais quem. Gente! Cá pra nós, pelo amor de Deus. Eu acho que não é... A gente tem dados mais objetivos do que esses que estão cruzando, caindo. Não era não. Ele, quando ele... Ele em Cuba, quando ele foi pra lá, essa parte o Japa vai saber muito melhor do que eu; então não

vale a pena eu contar. Ele saberá. Eu sei que quando ele... Ele vai dizer isso tudo. Quando ele voltou pra cá, as informações que a gente tem é que ele... Eu sei que pode parecer banal, ele foi a um jogo de basquete cubano das meninas, das meninas cubanas.

MANOEL MORAES – Sim, famosas.

MARIA DO CARMO - E a partir daí foi identificado, seguido e preso. E juntamente com um dos que foram efetivamente presos na mesma época, o Edgar, o Edgar Aquino.

MANOEL MORAES - Edgar Aquino.

MARIA DO CARMO - E ele foi... Na época que ele foi preso, estava o Diógenes Arruda, que ainda estava vivo e conversou com a gente no Chile e que foi testemunha da tortura do Anselmo ali etc. e tal. Não é. Não é o cara que já é infiltrado e... Não! O cara estava preso e passou, passou...

MANOEL MORAES - E tem o “relatório de paquera”, não é?

MARIA DO CARMO - Ele passou sim. O Diógenes é testemunha disso. E eu não tenho razão nenhuma pra achar que um, desculpe o termo, para achar que um “puta velha” como Diógenes Arruda ia confundir um infiltrado da vida inteira, com um cara que foi arrebetado e ganho.

MANOEL MORAES - Pela ditadura, pela sobrevivência.

MARIO JAPA - Rapaz tem umas coisas, tem umas coisas que só...

MANOEL MORAES - Quem viveu.

MARIO JAPA - Quem viveu e quem foi torturado. Ele veio, por exemplo, de Cuba com o contato de um amigo meu que eu nunca envolvi nesse negócio, que era um professor de literatura e tal. O risco da pessoa vir de Cuba e se perder aqui e não ter contato nenhum é muito grande. Um fio só, e se ele perder isso se acabou. E eu falei: *“Ó, eu tenho uns amigos no Brasil, isso é pessoal, não tem nada, e o cara pode te abrigar lá uns dias e tal, pra você não ficar na rua aí.”* Esse cara foi preso e nunca soube por que. Ele achava que eram brigas internas no colégio, que ele fazia lá um movimento teatral não sei o que lá, e que algum professor por ciúme dedou... e ele foi torturadíssimo no DOPS pô, no DOPS do Fleury. Ele me contou quando voltei pro Brasil, ele me contou e eu pensei... Aí, tempos depois é que fui ligar. Porra, ele foi dedado pelo Anselmo sob tortura. A mesma história do Cosme aqui que era presidente da cinemateca aqui do Museu.

DENISE ASSIS - Sim.

MARIO JAPA - Não tinha porque o Cosme ser preso naquela altura. Foi preso porque o Anselmo dedou, porque o Cosme participou da libertação dele...

MARIA DO CARMO – Viu como a gente sabe direito? A gente sabe direito porque o Cosme era o namorado da minha outra irmã. A que no casou. Eles viviam juntos

MARIO JAPA - Sacanagem, pô. Sabe o cara torturado que está querendo entregar alguma coisa? E ele entregou esses caras. Porque ele na hora da tortura, no desespero de entregar alguma coisa, entregou esses caras.

MARIA DO CARMO - A gente sabe.

DENISE ASSIS - Esse livro traz...

MARIO JAPA - Se esse cara fosse infiltrado, não teria entregado o Cosme nunca, porque ele sabe que o Cosme não tinha nada a ver com nada aqui, na época. O meu amigo lá, que é professorzinho de literatura lá do interior, não tinha nada a ver com nada.

DENISE ASSIS - É desespero de sobreviver.

MARIO JAPA - É, o cara foi e entregou na tortura. Como bem todo mundo fazia. Ele não era um cara mau que – *“ah, eu vou entregar todo mundo”*. Ele sabia que não tinha nenhuma importância, por isso entregou.

MANOEL MORAES - Uma estratégia de sobrevivência.

MARIO JAPA - Quer dizer, ele ainda estava resistindo a tortura. Se não ele não tinha entregue essas pessoas.

MANOEL MORAES - Sim.

DENISE ASSIS - O cara ia entrar, ser entrevistado e mandado embora.

MARIO JAPA – É. E ia mandar embora porque todo mundo sabia que o cara não tinha nada a dizer. Quer dizer, é o desespero de um cara torturado.

MANOEL MORAES - Claro.

MARIO JAPA - Tem isso e outra, se ele fosse infiltrado teria entregado Lamarca. Ele teve encontro com Lamarca e tudo. Faz sentido.

DENISE ASSIS - Sim. Era um peixe muito maior.

MARIO JAPA - Ele não ia entregar esse pessoal de Recife, rapaz. Ele matava direto o Lamarca.

MANOEL MORAES - Era o Ás.

MARIO JAPA – Era, pô. Na época ainda era de muita importância tal. Não tem sentido essa coisa.

MARIO JAPA - Há uma série de fatos que deixam claro. Ele foi realmente preso e torturado e aí ele passou. Um infiltrado, a polícia nunca ia cometer nunca a besteira em deixá-lo ali; porque ele ficou exposto, porque o Diógenes Arruda viu e outras pessoas viram. A maioria viu e não sabia quem era.

MANOEL MORAES - Mas o Diógenes, como era antigo...

MARIO JAPA - Sabia e reconheceu. Agora (...?...) expuseram o cara até dentro da prisão. Uma infiltração extremamente mal feita.

MARIA DO CARMO - Mal feita?

MARIO JAPA - É, chega até ser engraçado aí. Aí você achar que a polícia, nesse nível era capaz de manter ele desde 64 era uma loucura. Em 64...

DENISE ASSIS – Até porque não existia (...?...)

MARIO JAPA - É! Em 64 eles matavam e prendiam gente que não tinha nada que ver. Prendiam gente que estava com o livro vermelho... Era muita ignorância. Não tinham preparação nenhuma pra infiltrar a longuíssimo prazo assim.

MARIA DO CARMO - E depois esses indícios todos ficam mais que claro.

MARIO JAPA - Agora o partidão, o problema do partidão é que muitos de nós, muitos dos mortos sob tortura, também eram infiltrados pro partidão. Por que? Porque fazia luta armada, ficava provocando reação. Uma hora não prosperou, mas teve uma época que para eles, todos nós éramos infiltrados.

MANOEL MORAES - Vocês eram infiltrados em que sentido?

MARIO JAPA - Claro! Estávamos nos metendo a fazer as nossas coisas pra provocar a repressão, pra justificar a ditadura. Era o papo! Existia esse papo. O que fizeram? Algum dia a gente vai ter que contar a história da cultura aqui no Rio de Janeiro, então. O partidão controlou muita coisa aqui e era um pouco... Não chegava a ser caça as bruxas, mas muita gente, por não entrar nos cânones deles, foram tremendamente discriminados. Não é? A carreira acabou... É um negócio meio brabo.

MARIA DO CARMO - O partidão era pior do que uma seita.

MARIO JAPA - Se justifica, porque já era o que? Quarenta anos de...

MANOEL MORAES - De liderança não é? De hegemonia.

MARIO JAPA - De hegemonia total...

MARIA DO CARMO - A Denise já quer pão, Japa. Acorda!

MARIO JAPA - Estou fazendo um pão de queijo ali.

MANOEL MORAES - Mas minha gente, precisa não, a gente está incomodando vocês.

MARIA DO CARMO - Não! Está não! Na minha casa tem que ter pão de queijo.

MANOEL MORAES - Mário me diz uma coisa, e como é que se dá... Você participou da fundação da VPR... Como é que vai... Porque tem todo um processo também de inclusão de Lamarca, não é? Como é que vai se constituir a ALN, vocês? Vocês são fundadores?

MARIO JAPA - Não. Eu não cheguei a ser fundador, mas entrei pro núcleo da VPR de São Paulo. Era um bando de estudantes e muitos ex militares, muitos deles cassados. Sargentos, uma grande quantidade de sargentos, polícia militar...

MANOEL MORAES – Porque a primeira frente é a ALN, não é?

MARIO JAPA - Pois é. A ALN saiu junto com... O pessoal que era do partidão... Tinha um grupo lá em São Paulo que era dos cassados em 64. Grande parte militar. Não só, mas uma grande parte militar. Tinha se juntado aí, se juntado um pessoal que também era do Brizola de Caparaó. Pois é, era um negócio meio amorfo. Tanto que no início eu fiquei sabendo que chamavam a organização de “O.” (ó pontinho). Era uma organização que ninguém sabia bem... Juntaram um monte de gente mas ninguém sabia bem. Com esse grupo foi se juntando o pessoal intelectual, estudante, da POLOP. POLOP de São Paulo.

MANOEL MORAES - Certo. É a vinda de Lia.

MARIA DO CARMO - Não.

MARIO JAPA- Ainda não era. Ainda não era. Era só o pessoal de São Paulo. Porque ela era do núcleo que surgiu de Minas.

MARIA DO CARMO - De Minas nada, eu era do Rio.

MARIO JAPA - Você era do Rio, mas do núcleo que surgiu em Minas. Depois foi pra Goiana, foi pra Recife, veio pra cá, tal, mas o núcleo inicial era lá. Minas era forte. Você tinha um núcleo pensante lá que era... Minas tem essa coisa de surgir essas... Surge uma geração de escritores aí, Paulo Mendes Campos, essa turma toda; depois surge

uma coisa de político que deu intelectuais, que deu Betinho; depois veio uma atrelada de gente pra não dar nada aí. Que veio de várias regiões como Marighela (...?...)... Mas o grupo inicial formou-se em São Paulo assim, porque tinha um grupo que era o pessoal que conspirava desde 64.

MANOEL MORAES - (risada)

MARIO JAPA - Entrou, um grupo entrou em Caparaó. Tinha um grupo que tinha tentado... Tinha um grupo, do Valdir Sarapu, que tinha tentado a guerrilha lá no ABC, lá na Serra do Mar ali. Mas era um bando de estudantes que não sabia nada de nada.

DENISE ASSIS - Era a turma da Ribeira ou não, era outra coisa?

MARIO JAPA - Não, não, era um grupo de estudantes. Alguns tinham mais ligação com a POLOP. Ouvi dizer que tentaram isso em 67, por aí. Era uma meia dúzia de gatos pingados. Foram presos e tal, era uma prisão leve. Não chegaram a ser torturados nem nada.

MARIA DO CARMO - Quem?

MÁRIO JAPA - O Valdir Sarapu, tinha um grupo lá o amarelo, tal. Eles tinham tentado... Eles já tinham feito o Valezinho do Ribeira antes. Eles tinham... Eles tinham tentado formar um grupinho de treinamento de guerrilha, não chegava ao Ribeira, era... Porque na época o ABC, ali de São Bernardo era mata densa. Foi em Ribeirão Pires, é no ABC. Dali descia pra Santos, tem um matagal danado.

DENISE ASSIS - Quem era essa turma mesmo?

MARIA DO CARMO - POLOP de São Paulo.

MÁRIO JAPA - Era POLOP de São Paulo.

MANOEL MORAES - Ele está contando como é que se deu a...

MARIA DO CARMO - Pois então! Existiam em três lugares: em Minas, em São Paulo e no Rio.

MANOEL MORAES - E em Recife também, não é?

MARIA DO CARMO - Mas depois e só um pouquinho. Foi quando nós estávamos lá, juntou um grupinho lá, mas é pouquinho posterior. Só que em Minas...

MANOEL MORAES - Como era o nome do de lá de Pernambuco? Claudio...

MARIA DO CARMO - Não! Não adianta, sei não, eu não lembro. Se eu tiver lembrado está no livro, se não, não tem nem nome.

MANOEL MORAES - Claro!

MARIO JAPA - É, mas vocês vão começar a vasculhar, vocês descobrem aí.

MANOEL MORAES - Eu conheço.

MARIO JAPA - Era ligada ao pessoal de Arraes...

MARIA DO CARMO - A POLOP tinha uma coisa híbrida. Ela era ligada ao PTB e ao PSB. Então por exemplo, o povo era infiltrado do PTB e PSB. Infiltrado no sentido de ter militância legal. Mas já no Rio, não eram infiltrados em coisa nenhuma e eram de orientação mais trotskista. E em São Paulo também. Então é tanto que a POLOP tinha dois nomes: Política Operária e ORN Organização Revolucionária Marxista. E esse duplo nome mostrava fusão entre trabalhistas, socialistas como Teotônio e tal, e trotskistas como (...?...) e aqueles tarados lá de São Paulo que eu nem lembro os nomes.

MARIO JAPA – É. Em São Paulo tinha um grupo importante lá na FAO - Faculdade de Arquitetura. O Miro o Eder, os dois irmãos, um grupo intelectual importante...

MARIA DO CARMO - Exatamente. Só que esse pessoal é que possivelmente se juntou a VPR, e que era o grupo dos sargentos. Os sargentos eram diretamente ligados ao grupo do Brizola e não tinham nada a ver nem com o Marighela, mas se uniram a POLOP em São Paulo, quando a VPR em São Paulo vira fusão de POLOP com os sargentos. Vira VPR. A primeira VPR, não a segunda.

MANOEL MORAES - Quando?

MARIO JAPA - A primeira é em São Paulo.

MARIA DO CARMO - A segunda é depois que a gente mandou a VAR Palmares a merda.

MARIO JAPA - A primeira VPR era basicamente em São Paulo aí depois se juntou com o pessoal de Minas e Rio...

MANOEL MORAES – É VAR Palmares?

MARIO JAPA – Não, a gente já estava se encontrando antes, mas ai incorporou o pessoal do sul e ai é que se fez uma grande reunião lá e virou VAR Palmares.

MARIA DO CARMO - É.

MARIO JAPA - Mas aí depois é que juntou o pessoal de Minas, essa junção com o pessoal de Minas e Rio já estava avançando. Antes de pensar em VAR Palmares. Depois desse processo se incorporou mais gente lá do sul.

DENISE ASSIS - Quando que isso se consolidou de fato?

MARIA DO CARMO - Isso foi em 69.

MANOEL MORAES - Que é quando Lamarca sai.

MARIO JAPA - Quer dizer, o Lamarca sai antes. Não, logo depois.

MANOEL MORAES - Mas o Lamarca vai pra VPR...

MARIO JAPA - Vai pra VPR.

MANOEL MORAES - Porque mira a ação de vocês certo? Eu não sei se eu estou certo.

MARIO JAPA - Porque ele era ligado, ele era ligado aos sargentos.

MANOEL MORAES - Isso! Mas eu digo, tem um livro sobre os sargentos, o Lamarca era uma figura extraordinária. Pelo que eu vejo, pelo escrito dele, é uma figura, não é? E ele vê a ação de vocês, não é isso?

MARIA DO CARMO - Vocês quem?

MARIO JAPA – É. Da VPR lá em São Paulo.

MANOEL MORAES - Nessa ação ele entende que é a VPR que vai avançar. Porque ele tinha uma aproximação, me pareceu isso. Eu não sei se estou certo, Mário?

MARIO JAPA - É que no quartel dele tinha o pessoal do Marighela também. Do partidão, dissidentes do partidão.

MARIA DO CARMO - Eu acho que essa biografia do Marighela conta essa história de maneira bastante fidedigna.

MANOEL MORAES – Não é?

MARIO JAPA – É, mas ele teve. Ele realmente teve, agora eu estou me lembrando. Eu era um bichinho novo ali, tinha acabado de entrar, mas havia discussões ali, dizendo que ele estava entre a VPR e a ALN.

MANOEL MORAES - ALN. Exatamente. Agora teve uma operação de vocês que encanta ele.

MARIO JAPA - É foi uma ação onde teve uns quartéis lá que pegaram armas, essa coisa, era um pessoal que estava arregimentando e pegando armas.

MANOEL MORAES – Exatamente, foi isso aí. Vocês conquistam ele aí, conquistam nesse sentido.

MARIO JAPA – Era mais capitação de armas, fuzil e tal.

MANOEL MORAES - Agora depois que ele consegue armas não é, que ele consegue aquele material, ele empresta, não é? Quer dizer quem... Mas não era um caminhão. A estratégia era um caminhão, mas parece que não conseguiu e foi uma kombi. E aí o que acontece? Ele dá as armas a ALN, não é?

MARIA DO CARMO - Aí tem aquela história que o livro conta...

MANOEL MORAES - É verdade aquilo ali? Houve aquele conflito mesmo?

MARIA DO CARMO - Eu acho que sim. Eu acredito que sim. E, na verdade, eu não vivi isso, ninguém viveu, aliás. Isso é uma coisa que ficou...

MARIO JAPA – Eu só soube disso de saber...

MARIA DO CARMO – É.

MARIO JAPA - Foi emprestado um monte de arma e depois tentou-se recuperar, mas aí a gente já estava dividido, era um grupo pequeno, aí a ALN ficou...nesse sentido.

DENISE ASSIS – É. Disseram “*Não vamos devolver*”.

MARIO JAPA - O Lamarca ficou furioso.

MANOEL MORAES - Mas aí vem o planejamento do cofre, não é? Quer dizer...

MARIA DO CARMO - Mas aí é outra coisa.

MANOEL MORAES – Mas eu quero dizer, nesse cronograma...

Mario Japa – É. Foi nove meses depois.

MARIA DO CARMO – É.

DENISE ASSIS – Mas o Japa não estava nessa história. Quem estava...

MARIA DO CARMO - Quem estava era a Dilma e o marido dela, o casal 20. Pergunta a ele.

MARIO JAPA - Isso é ironia dela.

MARIA DO CARMO - Ironia não. É decisão! Tá cheio de gente pegando o cofre, então? Pergunta a ele! Presta muita atenção no que eu vou te dizer. O que eu vou falar do cofre, o que tá escrito no livro só. Mais nada.

MANOEL MORAES - Eu sei. Claro, mas a minha questão do cofre é outra.

MARIA DO CARMO - Pode perguntar.

MANOEL MORAES - Existia um planejamento, uma operação, digamos assim, não é? Que era parece com a ALN a primeira operação, mas enfim, depois vocês operam e tal e conseguem fazer a história do cofre...

MARIO JAPA – Não, mas ALN não sabia da história do cofre, não. Isso foi uma coisa da VPR daqui do Rio.

MANOEL MORAES – Mas vocês não tinham a percepção do tamanho do dinheiro; era uma coisa que vocês achavam que era importante, mas não sabiam que seria tanto, não é?

MARIO JAPA - Não! Achava-se até que seria mais, porque a informação era de que tinha oito cofres desses aí espalhados pelo Rio.

MARIA DO CARMO – É e a gente sabia de três. E podia ter mais.

MARIO JAPA - Podia até ter mais. Mas fizeram o primeiro, aí deu aquele alvoroço lá e tal...

(comentário inaudível)

MARIA DO CARMO – Ah, é? É porque não tinha a ilha Seychelles. (risos)

MANOEL MORAES- É, exatamente, não tinha as Ilhas Cayman...

MARIO JAPA - Era tudo debaixo do colchão. E o dólar, e o dólar valia...

MARIA DO CARMO – Só que 25 milhões de dólares... Isso significa cem milhões hoje.

MARIO JAPA - O dólar valia muito na época. O dólar era... Se você tinha dólar, você tinha tudo.

MANOEL MORAES - Mas de qualquer forma, a operação é planejada com varias organizações, não é?

MARIA DO CARMO - Não! Não!

MANOEL MORAES - Só com a VAR?

MARIO JAPA - Só a VAR.

MARIA DO CARMO - Só com a VAR.

MARIO JAPA - Isso foi um negócio basicamente do Juarez. Ele é que sabia das coisas, teve as informações, organizou tudo e depois incorporou outra gente. Aí veio o pessoal de São Paulo, mas a coisa foi feita aí.

DENISE ASSIS - Tinha que ser um só pra abrir o cofre, não é?

MARIO JAPA - Aí não é que tinha que ter alguém, se bem que usaram aí um maçarico...

MARIA DO CARMO - Usaram tudo, não é?

MANOEL MORAES - Hahahahaha, Lia agora...

MARIO JAPA - É que ela fica puta porque durante um tempo aí, depois ela negou, mas durante um tempo o casal, (...?...) e a Dilma, assumiram dizendo que eles... E eles não eram, eles eram (**muita confusão de vozes, falam ao mesmo tempo, trecho incompreensível**).

MARIA DO CARMO – Para de me encher! Por que de vez em quando ainda tem gracinhas a respeito, e nós aqui, nessa grande prosperidade.

MANOEL MORAES – Não, mas você sabe, que o que eu quero na verdade não é a história do cofre, o fato concreto é que isso passa a ser um elemento de... na verdade a VPR passa a ter uma condição diferenciada na luta armada.

MARIA DO CARMO – Não, mas foi feito pela VAR.

MARIO JAPA – É que na época, a gente era VAR, tinha acabado de haver a fusão.

MANOEL MORAES – Veja, o foco pra mim não é a questão da operação, o foco é que vocês passam...

MARIA DO CARMO – Não, mas não foi a VPR, foi a VAR. Foi a VAR. Só que, logo depois, quando houve o rompimento, eles até hoje acham que foram... Foi dividido mais ou menos como estava...

MANOEL MORAES – Então. A organização passou a ter então uma relevância não só pelas pessoas engajadas na organização, mas também por que passa a ter uma força econômica, não é?

MARIO JAPA – E aí a gente passa a não ter que ficar fazendo assalto a banco, essas coisas. O MR8, como não tinha isso, e mesmo alguns grupos da ALN que atuavam, fizeram uma barbaridade de coisas, mas era o desespero por dinheiro, uma coisa que a gente não tinha. *(falas muito altas)* Olha, por favor, diminui aí...

MANOEL MORAES – Eu entendi. Vocês fizeram uma coisa que foi estruturante, não é?

MARIO JAPA - É. Essa era a ideia. A gente estava sempre pensando em alguma coisa. Aí, pronto. Vamos acabar com esse negócio que não tem nada que ver, por que o negócio agora era fazer ações políticas.

MANOEL MORAES – E o dinheiro era exatamente pra isso.

MARIO JAPA – Era pra isso. O negócio agora era liberar, por que com esse negócio das prisões, do açodamento, era um sufoco, o pessoal assaltava um banco e dava pra viver uma semana, e depois entraram em desespero e começaram a assaltar hospital e outras coisas e começaram a fazer coisas que eram anti político. Começaram as ideias a ser coisas... E o pessoal tentava justificar: *“Não, por que é o capital financeiro, explorador”*, fazia aquele discurso na hora, mas começou a você ter que fazer coisas como assalto em hospitais, coisas muito anti políticas, coisas que quando saiam era um negócio que desgastava demais. A ideia era sair disso.

MANOEL MORAES – Mas na luta armada você... Me parece, não é Mário, você me corrija por favor na leitura que eu faço, isso é essencial, por isso que a gente está aqui e eu agradeço a você mais uma vez ter nos recebido. Mas na luta armada, tinha duas grande ou três grandes escolas: a China, a Rússia e Cuba, não é?

MARIO JAPA – Eu acho que a Rússia não entrava nesse negócio não, viu? A Rússia era meio contra.

MANOEL MORAES – Não, não, não. Eu digo assim, eram três escolas sobre a perspectiva da revolução, a da União Soviética exatamente a que influenciava o PCB. Mas algumas pessoas foram treinadas na Rússia, como Oswaldão, que vai pra Rússia, é um pessoal que vai pra luta e tem um treinamento na Rússia. Lá em Pernambuco, tem por exemplo o Manoel Messias, que deu um depoimento... Viu, Lia, eu estava contando a ele o que eu acho, não é que eu tenha certeza, mas é exatamente pra nivelar com vocês. Eu dizia a Mário, que tem, pelo menos no meu entender, numa leitura muito superficial, três grandes escolas. Escolas ou tradições, como vocês quiserem definir, a União Soviética, que influenciou diretamente o Partido Comunista sobre a revolução no Brasil, naquela época, Cuba e China. Por exemplo, lá na Comissão...

MARIA DO CARMO – É isso mesmo.

MANOEL MORAES – Na Comissão, por exemplo, a gente teve um depoimento, que pra gente foi revelador, de Manoel Messias, não sei se você chegou a ler a obra dele. Manoel Messias deu um depoimento que pouca gente, na própria Comissão, conhecia o depoimento dele. Pra ele, pelo treinamento que ele teve, ele é uma espécie de general, ele contou essa história, considerando seu treinamento. E ele foi treinado na Rússia. Ele, Oswaldão, quer dizer, mesmo que não fosse uma percepção de que a revolução seria pela luta armada, mas tinha essa tradição e tinha a de Cuba, e tinha a da China, por que aí vinha a percepção...

DENISE ASSIS – Essa percepção da luta armada foi trazida pelo Marighela, a partir daquele encontro de (...?...) em Cuba, do OLAS.

MARIA DO CARMO - Que a gente resumiu dizendo o seguinte, pra direção nacional da POLOP quando saiu o COLINA, a gente mandou o seguinte recado pra direção nacional da POLOP: “*Vocês não aderiram de cara.*” Nós mandávamos a data e “OLAS Bolas”.

MANOEL MORAES – Peraí, agora eu não entendi mas por quê?

DENISE ASSIS – Como “*vocês não aderiram*”? Aderir como?

MARIA DO CARMO – Peraí, gente. Estava todo mundo discutindo o assunto. Houve a reunião da OLAS, e a POLOP continuava lá, (...?...). Lutar pela OLAS, era optar pelo caminho cubano. Então em vez de você mandar eles plantar batatas, você falava : “*OLAS, bolas*”. Quer dizer o quê? Quem disse isso foi o Lavas Apolo e o Apolo era de Lisboa.

MARIO JAPA – E a POLOP?

MARIA DO CARMO – Não, a POLOP continuou com o jornal, como organizadora da classe operária... Não era luta armada. Não, a gente tem o maior respeito pelos caras, mas era um caminho diferente. Que a gente achava impossível. Tinha que organizar a classe operária...

DENISE ASSIS – Você sabe que tem um documento, eu tenho esse documento, que aliás eu peguei na caixa do Araponga, no Arquivo Nacional, que é a infiltração dentro daquela reunião do PCbão em São Paulo, que relata a expulsão do Marighela. E que não tem no livro. Eu tenho isso.

MARIA DO CARMO – Interessante isso! Bem legal.

DENISE ASSIS – O discurso do Prestes é de ultra direita. Ah, mas é horrível! Ele expulsando o Marighela é um discurso de ultra direita. Se você quiser eu te dou uma cópia.

MANOEL MORAES – Botou pra quebrar, não é, Mário?

MARIO JAPA – Briga de (trecho incompreensível) é um negócio violentíssimo.

MARIA DO CARMO – Bem, mas a gente já falou de muitas coisas...

MANOEL MORAES – Mas então, Mário, aí a VPR se aproxima do modelo cubano, não é isso? Aí nesse processo, como é que se dá a aproximação com Cuba? Como é que vocês...

MARIA DO CARMO – Ele não sabe tudo...

MARIO JAPA – Eu entrei depois, uai. Eu entrei bem depois por que eu só aderi mesmo fins de 67 começo de 68.

MARIA DO CARMO – Qualquer luta era a minha atividade. Me atrai.

MARIO JAPA – A minha trajetória foi muito individual, quer dizer, eu não fiz parte do MR8.

MANOEL MORAES – É uma percepção sua?

MARIO JAPA – É. Leituras e tal, eu ganhei uma viagem pra Venezuela, fiz uns contatos lá, cheguei a uma conclusão e decisão de que tinha de ser assim. Aí do meu lado tinha um cara... eu já fazia agitações por aí, mas não fazia parte de nenhuma dissidência, grupo, nem esse movimento POLOP, nem nada. Era um cara franco atirador. Depois cheguei a essa conclusão sozinho, então todo esse processo aí eu não sei. Eu sei de ouvir dizer, contar, por que eu não vivi. Quando eu cheguei já estava formada a VPR, a POLOP já tinha rachado e aderido e tal, já tinham começado a fazer as ações e aí...

MANOEL MORAES – Você chegou a fazer curso fora?

MARIA DO CARMO – Não é uma opção de faixa etária, é de faixa política mesmo.

MARIO JAPA – Sim, mas foi depois.

MANOEL MORAES – Aí você foi pra Cuba?

MARIO JAPA – Em 70. Depois do sequestro lá do consul me mandaram pro México e eu fui pra Cuba e aí depois chegou o pessoal de 70 que foi pra Argélia, e a gente formou um grupo lá...

DENISE ASSIS – O sequestro do embaixador americano?

MARIO JAPA – Não, do japonês, eu saí pelo japonês. Aí depois teve o do americano, o do alemão, o pessoal foi pra lá e aí então se formou um grupo muito grande da VPR no exterior. No meio dos 40 a maioria era VPR.

DENISE ASSIS – Você sabe que vocês eram todos monitorados, não é? Eu tenho uma lista de SNI de todos os que estão no exterior.

MARIO JAPA – Devia ser.

MARIA DO CARMO – Não, eu sabia, eu tinha certeza. Por que a gente era muito público.

MARIO JAPA – Eles não tinham dificuldade nisso. Agora não sabiam em detalhes, não é?

MARIA DO CARMO – Eu vi num arquivo, gente que testemunhou meu casamento na Suíça. Tudo mentira, era informante que inventava pra ganhar. No fim de tudo, tem todas as maluquices possíveis. Esse meu casamento na Suíça tem coisas com detalhes. Você usou uma palavra aí, que eu acho que eu vou usar, era uma época psicodélica. Totalmente! Por que é lógico, pelo menos pra mim, as coisas que eu digo, são o que eu vivi e vi e a minha percepção do momento. Pode estar errado, posso ter tido falsas informações, ter sido influenciada por A ou B, então tudo você tem que relativizar. Sem dúvida. Quando eu disser eu tenho certeza, é realmente coisa que eu tiver vivido e mais ninguém, por que senão é muito difícil. Tem hora que você acha que está falando a expressão da verdade e não está.

DENISE ASSIS – A memória trai, não é?

MARIO JAPA – Mas não é a mesma coisa, é que a gente era clandestino e todo mundo via uma parte da coisa. Não se tinha informação e nem podia ter. Então muita gente é levada a conclusões que o outro...

MARIA DO CARMO - A memória trai também, mas é que as vezes você não tinha todos os dados e fazia um julgamento que naquele momento você achava certo mas que talvez não fosse. Eu... Até hoje, por exemplo, quando a gente vai a Minas, tem um companheiro que cismou que um outro companheiro era infiltrado desde 64. E a gente não consegue convencê-lo do contrário nem ele a gente. Então nós resolvemos botar uma pedra em cima, por que achamos que ele pirou. Ele está exagerando. Ele pode estar certo, mas cabe à gente sair investigando até por que isso, evidentemente que tem um método de você descobrir o que é que o inimigo fez conosco. Agora também

não tem sentido você sair procurando culpados por fraqueza ou tal, quando na verdade os culpados são os torturadores.

DENISE ASSIS – Mas isso é uma doença do sistema.

MARIA DO CARMO – Eu acho, por que as pessoas, elas se sentem culpadas quando na verdade elas só são humanas. Eu pelo menos, por exemplo, só demorei vários anos pra aceitar minha própria fraqueza. Acabei aceitando por que Ladislau Dowbor, que me escreveu, eu estava grávida lá no Chile, e aí ele escreveu uma carta um dia...

DENISE ASSIS – Quem?

MARIA DO CARMO – Ladislau Dowbor, aquele que a gente chamava Jamil, ele hoje é Secretário de... Como é que é?

MARIO JAPA – Não, ele hoje não é nada não. Mas durante muitos anos foi professor da PUC lá em São Paulo, e ainda há pouco lá em São Paulo foi secretário da Erudina, na prefeitura lá.

MARIA DO CARMO – Para cooperativas, ou obras alternativas... Mas ele estava nos 40 e ele é provavelmente o cara mais importante da VPR em termos ideológicos.

MANOEL MORAES – Ele é vivo?

MARIO JAPA – Vivo, mas ele não fala. Ele não quer saber dessas coisas.

MARIA DO CARMO – Vivo e é uma figura. Casou com a filha caçula do Paulo Freire. E ele foi um cara que ensinou muito a gente, sobre economia, sobre muita coisa. É muito bom. Foi ele quem ensinou pra gente, por exemplo, que você não tinha rico e pobre só, industrial e operário, você tinha camadinhas e tal. E eu me sentia sempre muito culpada por que eu achava que ele tinha sido preso por minha causa. E ele cansou de me explicar: *“Não foi, o nosso ponto era em outro dia, eu fui encontrar com o Toledo e aí, por azar, você estava”*... Lógico, eu sabia que era assim, mas você se sente tão culpada que você não consegue nem enxergar, uma doideira. E aí ele cansou de me falar isso com gentileza lá no DOPS. E um belo dia ele me falou – *“Você para com isso! Para com isso! Larga de ser ridícula! A nossa fraqueza é a nossa humanidade”*. Tudo isso depois de ter dito várias vezes não foi isso, não foi isso não foi isso. Ele aprendeu mais que eu. Por que quando a gente saiu (...?...) no Der Spiegel, ele com um buraco nas pernas e eu com um buraco nos braços, por que eles botaram a gente (...?...) na Argélia, a gente ficou objeto da Europa. Então aparecia do outro lado, aquela buraqueira, aquela coisa horrorosa...

DENISE ASSIS – Mas isso era o quê? Cigarro?

MARIO JAPA - Não, isso era pau de arara mesmo. É por que quando amarra...

MARIA DO CARMO – Não. No nosso caso não foi cigarro. Tanto eu como ele. Eu foi nas mãos, nos braços e nele foi nas pernas. Numa sessão conjunta lá no DOPS. Pra nossa sorte o Fleury estava na Europa. A gente teve uma sorte de cão. Por que depois do escândalo com o Mario Japa mandaram o Fleury dar um passeio...

DENISE ASSIS – O que foi?

MARIA DO CARMO – Ah, o escândalo foi a briga por ele. Virou um filme. Aquele filme é a vida dele.

MANOEL MORAES – Qual filme?

MARIA DO CARMO - O PRA FRENTE BRASIL.

MARIO JAPA – É, mas algumas cenas só...

MARIA DO CARMO – Sim. Mas nessa “brigalhada” deles, isso é real, a OBAN cercava o DOPS, o DOPS cercava a OBAN, tudo atrás do Japa.

MARIO JAPA- Eles começaram a fazer uma operação lá, deram tiro...

DENISE ASSIS – Pra te arrancar de lá. No filme isso é muito claro.

MARIA DO CARMO – Por que na verdade, tudo o que aconteceu nessa época, todo mundo queria o dinheiro do cofre.

MANOEL MORAES – Sim, é onde eu quero chegar.

MARIA DO CARMO – Então valia... Eles tinham aqueles turnos de 24 horas, e neguinho não queria ir embora, por que quem sabe ele ou ela vai falar no turno do outro? Gente, não dá pra descrever, só rindo, por que era horrível. É tão horrível!

MARIO JAPA – Mas aí o torturador levava desvantagem também, por que ele ficava lá, torturava um ou outro. O único que levava vantagem era o cara da operação, que ia pra rua caçar gente, aparelhos, e tal e tal; o Fleury e o capitão... Tinha um capitão lá que era o cara mais de operação...

DENISE ASSIS – Albernaz?

MARIO JAPA – Não, Albernaz era torturador.

MARIA DO CARMO – Maurício.

MARIO JAPA – É. Era um pessoal que a grande sorte deles era chegar num aparelho e lá encontrar a grana. Pegaram muito, muito dinheiro.

MARIA DO CARMO – É, mas já um pouco antes. Então o negócio deles era pegar grana o mais depressa possível. Às vezes ninguém morria só por afobação, por que eles queriam pegar dinheiro antes de passar pra outra equipe. Pode parecer muito divertido agora.

MANOEL MORAES – Não tanto.

MARIA DO CARMO – Mas não é. Só que se a gente tivesse entendido isso a gente teria negociado melhor. Estou te falando isso com toda a certeza possível. Mas a gente só percebeu isso depois. Eu pelo menos.

MANOEL MORAES – Quando é que você teve essa ideia assim? Essa percepção de que na verdade também tinha um fundo econômico?

MARIA DO CARMO – Da grana?

MARIO JAPA – Não, da grana no mesmo segundo.

MANOEL MORAES – Não, mas essa percepção...

MARIO JAPA – De que podia negociar melhor? Você acabou de dizer que depois pensou que podia ter usado, esse papo que o pessoal tem de querer o dinheiro...

MARIA DO CARMO – Não. Eu acho que eu não consegui me expressar bem. O que eu quis dizer é o seguinte, com a visão de hoje, eu imagino que naquela época... Não foi uma percepção, não tinha... Eu não entendia direito os plantões... Por que vocês não viram uma sessão. É inacreditável. Você não tem noção de plantão nem porra nenhuma, aí eu fui entender isso tudo depois. Eu fui presa aqui, fui levada pra São Paulo, algemada no Lungaretti...

DENISE ASSIS – Vocês foram pra OBAN?

MARIA DO CARMO – Fomos direto pra OBAN. Quando eu cheguei lá eles começaram... Foi muito ruim, algemada noutra pessoa, é muito desagradável... eu não vou entrar em detalhes... Aquele livro demorou 12 anos pra ser feito por que eu fiquei ali rondando pra não ferir ninguém. E assim, tomando vinho, eu posso falar merda. Eu não vou fazer isso. Mas chegando lá, você não consegue entender direito. Você não tem noção de tempo, espaço, nada. Eu sei que eu lembro que eles falavam: *“A roupa da Lia tá toda cagada. A gente tem que levar ela na Rua Augusta pra comprar roupa”*. E eu fiquei *“será que eles vão me levar na Rua Augusta?”*. Estavam gozando com a minha cara. Eu não era Paulista. Eu não sabia que a Rua Augusta tinha um significado. Só depois que

eu vim entender que era um tremendo (...?...). Aí eles gozavam com a Dilma. “*Aquilo é uma magrela, tem perna de saracura*”. Você não entendia nada do que estava acontecendo, nada! Eu era tão boba que eu falei “*Babaca!*” e eles me deram um tapa na cara. Só depois, com outro companheiro foi que eu fui perceber que babaca era um palavrão e eu não sabia. Eu juro que eu não sabia. Eu era uma pessoa casada de primeira, casada com um cara meu primeiro homem da minha vida, então eu não sabia nada disso, de nada. Era uma imbecil. Pra começar eu nunca tinha nem cheirado, nem fumado maconha, nem nada. Eu fumava Kent, aquele verdinho, e Continental, sem filtro. (trecho incompreensível) eu não, eu era uma boba mesmo. Totalmente. Não sabia nada dessa matéria horrorosa. Eu estava dizendo pra eles que (...?...) era a melhor matéria do mundo.

MARIO JAPA – Sem dúvida. Você tem toda razão.

MANOEL MORAES – Já que você falou no assunto, eu vou perguntar, só por curiosidade... Dilma...

MARIA DO CARMO – Não está no contexto.

MANOEL MORAES – Qual o papel de, digamos assim, dela, era uma pessoa periférica?

MARIA DO CARMO – Não. Liderança total. Liderança mesmo, importante. Eu não sei bem o que você quer dizer com essa palavra, mas eu sei o seguinte, que quando houve o rompimento em Teresópolis, ela ficou como liderança na VAR Palmares, assim como o Juarez era a liderança na outra, nova VPR. Era uma mulher militante, combatente, por sinal na época, eu ainda acho até hoje, muito bonita.

DENISE ASSIS – Ela ainda é bonita.

MARIA DO CARMO – É, mas era mais, por que era muito mais magra... teve uma noção de estética com a lara.

DENISE ASSIS – A lara era linda.

MARIA DO CARMO – A lara além de linda tinha noção total. Até hoje eu ainda me lembro da lara dizendo “*Wanda, corta esse cabelo pra aumentar seu olho*”. Ela tinha total noção, total. A lara era maravilhosa... A gente morou, quer dizer, na época... A temporalidade numa época dessas não se mede em dias e meses. Pra mim eu sinto como se eu tivesse passado anos com a lara e na verdade foram meses. Era um tempo muito rico, intenso.

MANOEL MORAES – Era isso que eu ia perguntar. Como foi a convivência sua com essas pessoas?

MARIA DO CARMO – Eu sou muito diferente dela, mas a gente se deu benzíssimo. Acho que por causa da carga de sinceridade e sentido mútuo.

MÃE DA LIA – (Incompreensível). Tchau, gente.

MANOEL MORAES – Prazer em conhecê-la.

MARIA DO CARMO – Era maravilhosa a lara. Dava dicas incríveis pra gente, e não fazia pose nenhuma. Pra você ter uma ideia quando a lara precisava fazer um posicionamento tenso pra ir pro Vale do Ribeira, ela punha uma esteirinha pra fazer ginástica, com o quintal do lado, *“Pelo amor de Deus, vão dar uma capinada ali, ó!”* (trecho incompreensível). A lara era uma pessoa bastante correta, maravilhosa. Eu não sou isso, e ela é isso. E eu acho que essa dupla sinceridade permitiu que a gente ficasse amigas íntimas. Eu sinto saudades dela como de uma irmã. É um troço de sintonia, de coração. Éramos totalmente diferentes. Ela era maravilhosa. Era uma pessoa linda, sem vaidade, apesar de vaidosíssima, não é? Sem mesquinha, totalmente aberta, maravilhosa. Ah, eu tenho saudades da lara! Tenho saudades! Mais do que dele.

DENISE ASSIS – Você conheceu o Lamarca?

MARIA DO CARMO – Muito.

MANOEL MORAES – Como ele era? Uma figura determinada? O que eu leio dele assim, o que eu vejo ele escrevendo é um negócio impressionante, não é? Assim, vindo de um militar, pela formação dele, ele tinha uma coragem, uma...

DENISE ASSIS – A Inês acha ele idiota.

MANOEL MORAES – Qual Inês?

MARIA DO CARMO – Ettiene. Você falou com ela recente? Por que ela está mal há bastante tempo.

DENISE ASSIS – Um pouco. Eu falei antes do acidente. Ela achava ele ingênuo, romântico...

MANOEL MORAES – Não, mas eu não digo nesse aspecto não.

MARIA DO CARMO – Não, mas ela tem razão.

MANOEL MORAES – É mesmo? Você acha isso?

MARIA DO CARMO – Não, eu concordo com a Inês. Eu estou querendo situar o momento da afirmação.

MANOEL MORAES – Eu digo, pelos escritos...

DENISE ASSIS – É. A mim parece...

MANOEL MORAES – Ele era uma pessoa muito séria, não é? E Marighela, você conheceu?

MARIA DO CARMO – Não. Olha aqui, pra começar, eu tenho horror quando falam que alguém é sério. Significa o quê? Que não ri? Que é que quer dizer sério? Calma! Eu estou contestando esse conceito. O quê que é sério? É sério por que não ri? Ou por que tem responsabilidades muito (...?...) ? Por que senão fica parecendo que todo mundo que é (...?...) presta. O que não é verdade. Você pode encontrar... Não, isso tá errado, desculpa, tá errado. Por exemplo, o Chaim. O Chaim era uma pessoa bem humoradíssima. Ninguém diria jamais que ele fosse sério. E ele era. Não seria o rótulo que teria sido dado a ele. Jamais. O Juarez era considerado uma pessoa séria. Ficava puto. Por quê? *“Só por que eu tenho essa cara”*? Ele tinha um olho inglês, assim... no meio, assim... A militância e tudo isso pode ser feito assim, não precisa pelo amor de Deus... (trecho inaudível). Fiz. Eu fiz sim. Quando eu descobri que a gente estava derrotado, eu tinha que ficar com a turma, eu não ia abandonar os amigos. Eu já não era alegre, no sentido de que eu não era mais verdadeira.

DENISE ASSIS – Quando foi que você teve essa percepção de que a luta acabou?

MARIA DO CARMO – Na verdade é meio complicado por que como eu tive um pouquinho de formação trotskista, tem uma certa dúvida com relação ao conteúdo mesmo da revolução que você quer vai fazer. Mas por outro lado eu tinha uma raiz básica, de mamãe e papai, de trabalhismo. Meu pai e minha mãe são getulistas. E getulistas por razões boas. Com intenções corretas, dos direitos trabalhistas... Minha mãe fez um concurso e não era chamada nunca, pra ferroviária, ela então escreveu uma carta pro Getúlio e Getúlio escreveu na carta dela assim: *“Faça-se justiça à candidata”*, o concurso ia prescrever. E ela foi contratada. Tinha tirado o quarto lugar e já estavam chamando as filhas de não sei quem que estavam no oitavo ou no octogésimo. Então ele escreveu isso pra minha mãe. Aí meu pai escreveu pra o Getúlio pedindo emprego, aí o Getúlio mandou pra ele um pacote assim de prospectos de concursos. Então a justiça que ele fez com ela e a justiça que ele fez com ele, tornaram eles trabalhistas. Então apesar de ter as lides trotskistas em um pedaço, eu tive desde 5/6 anos de idade uma formação trabalhista nesse sentido. A minha mãe nunca faltou no trabalho. Sabe como é uma ferroviária Caxias, cumpridora, que nunca faltou? Eu sinto muito por que ela deixou isso, eu sou igualzinha a minha mãe. (risos) É, essa é a única desculpa.

DENISE ASSIS – Você ainda trabalha, Lia?

MARIA DO CARMO – Eu trabalho na FAPERJ. Eu fui aposentada, mas eu fui contratada de novo por que eu sei fazer a folha de pagamento. Mas eu passei 13 anos fora do serviço da Prefeitura, trabalhando na área social. Aí o que é que acontece...

MANOEL MORAES – Isso você levou pra sua militância, naturalmente?

MARIA DO CARMO – Lógico. Gente, essa é minha netinha, Alice. Esses aqui são dois tios que você não conhece. O Manoel e a Denise. Essa é a Alice.

DENISE ASSIS – Gente, ela é linda. Que mistura interessante, ela ficou com o olho puxado e azul.

MARIA DO CARMO – É. Ela é um quarto japonesa. É uma amor.

DENISE ASSIS – Eu nunca tinha visto esse modelo.

MARIA DO CARMO – É difícil. Eu conheci de um exilado, o filho do Luís Hildebrando, que era um pesquisador brasileiro, casou com uma japonesa e o menininho saiu de olho azul, lindo. Conheci em Paris.

DENISE ASSIS – E na Alemanha tem uma coisa que eu acho que vai ser um espetáculo também. Chegaram uns angolanos, vindo de Portugal, por que Portugal começou a falir e a Alemanha a ascender, e a invasão chinesa. Então, tem um monte de chinesa namorando angolano. Você imagina os filhos.

MARIA DO CARMO – Nossa! Mas eu não tenho muita certeza se vai dar certo não. Sabe por quê? A nossa pior mistura é o mameluco. Tô certa ou tô errada? Não é bonita não.

DENISE ASSIS – Mas se aquilo lá vai prosperando... Tem muitos casais assim, angolanos com chinesas.

MANOEL MORAES – A conversa virou antropológica.

MARIO JAPA – Pessoal, tinha umas mulatas, que o pessoal chama de chinitas lá em Cuba, chinitas, umas mulatas, que são descendentes dos chineses. Os chineses foram pra lá em mil oitocentos e tanto e foi uma coisa impressionante. É muito bonito, muito bonito. E você fica olhando... Por que é exótico, é misterioso... As vezes tem algumas que tem o olho meio azulado.

MARIA DO CARMO – A Alice tem a marca da mestiçagem.

MANOEL MORAES – Mas, Lia, voltando um pouco... Aí, no contexto da Europa, você vai ter contato com (...?...). Aí vem o começo das quedas, não é? Tem o golpe daqui,

depois no Chile, quer dizer, toda aquela sucessão de golpes que, de certa forma, vai colocar a América Latina totalmente controlada pelo que existia. E aí tem uma passagem, que é a resistência que Arraes constrói na Argélia, não é? Por que a partir daí ele vai pra Argélia, monta aquele movimento, você deve ter acesso às cartas que ele mandava, os boletins, aquilo ali era uma coisa importante por que dava a vocês uma noção de quem estava aqui e como era. Como é que era exatamente isso?

MARIO JAPA- Era o (...?...) *brasilienne d'Informacion*.

MANOEL MORAES – Como é que eram essas cartas? Vocês ajudavam?

MARIO JAPA – Não. Tinha um grupo lá, desse grupo grande parte éramos nós. Que apoiou o, como é que chama lá, o Leonel. O Arraes era o cabeça do negócio, mas tinha uma rede muito grande lá na Europa. O Maurílio era desse negócio, o Maurílio era apoio da VPR. Então formou-se lá um negócio meio ecumênico na Europa. Eles conseguiam as informações, imprimiam e distribuíaam com as pessoas. Isso salvou inclusive muitas vidas.

MARIA DO CARMO – Pra você ter uma ideia, o grupo do Arraes, quando a gente achou que o embaixador alemão... Foi via Arraes. Quando a gente chegou na Argélia, continuou via Arraes, quando teve que discutir quem resolveria a questão do dinheiro do cofre, eu e o Ladislau escolhemos o Arraes como fiel da balança, pela total confiança que a gente tinha nele. E isso manteve-se. Então, por exemplo, quando eu cheguei em 70, tinha 27 anos e em setembro fiz 28. Eles fizeram uma festa pra mim, a Madalena me deu o primeiro perfume que eu tive na vida, era um Channel, inesquecível!

MARIO JAPA – Mas ali era colônia francesa...

MARIA DO CARMO – Passamos o Natal e o *reveillon* na casa deles, de 70 pra 71...

MANOEL MORAES – Quando a casa foi invadida pela CIA você estava lá?

MARIA DO CARMO – Não.

MANOEL MORAES – Já ouviu falar disso?

MARIA DO CARMO – Não. Estou ouvindo agora pela primeira vez. Foi um *réveillon* muito bom, etc., só que eu chorei sem parar por que para mim... Eu estava sem as pessoas que eu queria que estivessem perto. Eu já estava junto com o Ângelo Pezzuti, eu suponho até... Mais ou menos, por que o Maurílio, deputado, Maurílio e Ana deram pra mim de presente uma chamada pro Brasil.

MANOEL MORAES – Ela falou muito de vocês.

MARIA DO CARMO – Eu adoro a Ana. Ela é incrível. Só pra terminar isso aqui, a Ana, quando eu falei com meu avô, ele só dizia: “*graças a Deus, graças a Deus*”, ele não conseguia falar outra coisa a não ser isso. A gente não tinha um puto. Ana e Maurílio é que deram pra gente, de presente, falar com a família no Brasil. Era caríssimo! Nossa!

MANOEL MORAES – Mas ela é apaixonada por vocês.

MARIA DO CARMO – E eu por ela. Eu adoro a Ana.

MANOEL MORAES – Agora deixa eu lhe contar como é que eu conheci Ana. Veja como é a vida. Eu sou da Comissão da Verdade, você imagine que minha imagem está no estado, mas ela não me conhece nem eu conheço ela. Mas meu filho, que tem cinco anos, estuda na mesma sala da neta dela. Aí eu vou pro aniversário da neta dela, isso no final do ano, em dezembro, eu vou pro aniversário da neta dela que é da sala do meu filho. Aí chego eu e minha esposa, e ela lá, aquela figura maravilhosa, e a gente conversando sobre esses movimentos de junho e tal, aí eu disse que eu fui do movimento estudantil. Ela olhou pra mim e disse: “*Você foi do movimento estudantil? Ah, mas olhe eu sou exilada política.*” Eu achei isso tão bonito. O orgulho dela em dizer isso. Por que ela é uma figura. Aí eu falei – “*Como é? A senhora é exilada política? Me conte um pouco sua história.*” Pronto, aí ela começou a contar e aí que eu vi a dimensão que ela tem. Ela é uma pessoa extraordinária.

MARIA DO CARMO – Em 70 ela descobriu que tinha lúpus. Eu me lembro ela ainda grávida, não tinha filho nenhum, chorando, eu nunca vou esquecer. A Ana deu uma bofetada na cara do povo que diz que lúpus não tem cura.

MANOEL MORAES - Ela é extraordinária, mas é uma figura, uma figura. Eu estou pra entrevista-los, a ela e Maurílio. Ela me disse que você e ela se comunicam pelo *face*.

MARIA DO CARMO – Não por que eu nunca entro no *face*.

MANOEL MORAES – Você, não é? Mas ela tem. Ela está lá, altamente conectada. Me diga uma coisa, e o Almirante? O Almirante da casa de Arraes? Lembra dele?

MARIA DO CARMO – Você está falando de quem?

MARIO JAPA – O Almirante Aragão?

MANOEL MORAES – Aragão, não lembra dele não?

MARIO JAPA – Ele deve ter passado. Passou por lá, chegou em Cuba, ele andava com um passaporte...

MARIA DO CARMO – Era o homem do “Princesa Leopoldina”, meu Deus, aquele homem era uma figura incógnita.

MANOEL MORAES – Ana é que conta essa história que ele queria onze milhões e dois mil homens armados pra começar a revolução. Aí diz que Arraes dizia assim - *“Olhe, os milhões até que eu consigo mas dois mil homens armados, meu amigo, é muito mais difícil.”* Por que ele era militar e planejava toda uma estratégia de como ocupar o Brasil...

DENISE ASSIS – Era o almirante vermelho.

MANOEL MORAES – Aí Ana contou essa história, que essa pessoa morou lá na casa de Arraes, e que tinha um filho de Arraes empolgadíssimo com o Almirante. Uma vez ela chegou lá e estava o Almirante fazendo ordem unida. Mas Lia a gente não vai demorar muito não, por que já está tarde...

(conversas dispersas e aleatórias)

DENISE ASSIS – Mas é muito bom ouvir as suas histórias, viu?

MANOEL MORAES – É. Maravilhoso. Eu estava na Argélia, já entrei no capítulo da Argélia.

MARIA DO CARMO – A Argélia é uma coisa maravilhosa.

DENISE ASSIS – Você gostou de lá?

MARIA DO CARMO – Muito.

DENISE ASSIS - Quem foi que me disse... Quem foi pra lá desses velhinhos, foi o Apolônio?

MARIA DO CARMO – Pois é. O Apolônio saiu com a gente nos 40. Aí, o que aconteceu? Lá pelas tantas todo mundo foi pra Cuba. Menos Apolônio, o Daniel Arandéz... Não, pera aí, o Apolônio, o Altair, eu que tinha que esperar pro cara devolver o dinheiro do cofre, o Ângelo que ficou comigo por que a gente já era companheiro, Gabeira ficou indo e voltando. Muito poucos. E o Apolônio resolveu ficar lá. Então o que aconteceu? O professor Bayard apareceu lá por que ele era sogro do Daniel Arandéz, que tinha ido pra Cuba, e o professor Bayard, estavam prendendo ele aqui e ele foi pra lá, ficou com a gente. Chegou a família do (...?...) e chegou mamãe. E o Apolônio virou o cavaleiro andante de mamãe. Ele dava o braço pra ela assim e ia passear, a gente morava num parque inacreditável. Uma coisa linda. A mulher dele não estava lá nem as filhas nem nada e mamãe também já era uma senhora e ele cuidou dela que foi uma coisa linda. Agora, com relação ao Daniel eu não tenho... Ele era um cara muito

inteligente, muito brilhante, estava fazendo a dele ali, ele foi do MR8, e o MR8 era muito chatinho, insuportável, né? Todos cheios de... Eles não falavam português, eles falavam siglas: BIF era burguesia industrial financeira; CLOP, classe operária; era muito chato. E nós lá, era aquele monte de sargentão da VPR, que, entre outras coisas, usavam, por brincadeira, dar choque elétrico na gente de madrugada, pra você ter uma ideia do gênero de gente que era a VPR, e nós que éramos intelectuais, também misturados com esses. Então, realmente, a gente não combinava muito com a turma do MR8 que era o Gabeira, o Gabeira menos, não é? Mas o Daniel, a Vera Sílvia era um pessoal assim mais sofisticado, digamos assim. A gente tinha aderido aos “casca grossa” da VPR e a COLINA mineira que era divertidíssima. A COLINA mineira era ótima. O Murilo, o Ângelo, o (...?...), muito divertidos.

MANOEL MORAES – Pra não tomar muito seu tempo, esse, digamos assim, recrutamento para o que vai ser o núcleo da... Do massacre da Granja São Bento... Por que tem uma passagem que... Jorge Barrett foi em Recife, vocês souberam, não? Por que foi muito bom pra ele e acho que foi muito bom pra gente também e ele passou conosco uns quatro dias, ele fez um roteiro e nós conseguimos vivenciar com ele esse roteiro. Foi um negócio muito bom, por que tinha a história do sítio...

MARIA DO CARMO – Ele sabe um lado e nós outro. É tudo muito difícil esse período. A Soledad acreditava em tudo o que o Anselmo dizia e no Chile morava a irmã dela que era muito amiga minha. E ficou tudo muito difícil por que ela esteve no Chile e, baseada no Anselmo, ela falou horrores de mim pra irmã. E a irmã ficou muito dividida, por que a Soledad acreditou no cara.

MANOEL MORAES – Ele chegou a queimar você com a sua amiga?

MARIA DO CARMO – Não ele me queimou com (...?...).

MANOEL MORAES – Não, mas eu digo, nessa passagem.

MARIA DO CARMO – Espera aí, ele esteve no Chile, tá lá no livro. Vou dar esse exemplar pra vocês lerem. Ele chegou lá, achou que tinha me enganado, achou que eu não tinha percebido, mas eu percebi quem ele era. Eu percebi que ele era o cabo Anselmo. E aí eu tive de avisar todo mundo. E com isso eu virei um objeto a ser abatido. Então ele contou pra todo mundo...

DENISE ASSIS – E você nunca mais encontrou com ele?

MARIA DO CARMO – Não, já encontrei duas vezes. Mas não vem ao caso. Mas então, o pessoal acha que é loucura minha, mas eu tenho certeza que não é. Mas então ele envenenou...

MARIO JAPA – Isso fazem uns 15/20 anos, no Espírito Santo.

MARIA DO CARMO – Não, teve uma vez em Portugal, lá no mercado, mas esquece... Ele então saiu envenenando nos lugares precisos. Por exemplo, a gente sabia... Acreditar no cabo significava acreditar que a organização estava muito bem em Recife. Que tinha aquelas redes ainda da época da Insurreição, da luta contra a Holanda...

MANOEL MORAES – Ele falou nos túneis?

MARIA DO CARMO - Ele falou e todo mundo acreditava. Não acreditar no cabo significava que estava tudo uma merda. Então quem queria acreditar, acreditava nele. Bom, acreditar nele significava o seguinte: a Inês era uma mulher vendida, mentirosa, por que foi ela que mandou as informações pra mim, e foram as informações dela que eu nem vou dizer por que conduto chegaram no Chile, mas chegaram, e foram as informações dela que fizeram com que eu reconhecesse que era ele que estava lá e que ele tinha passado pra eles, por que ele tinha sido preso, e se eu vejo ele na minha frente, então... Então ele tinha que desmoralizar a Inês e a mim. Era o único jeito. A gente morava num apartamento em Santiago do Chile muito antigo e tal, e do lado de lá, noutra rua, era o Consulado Americano. E eu fui estudar direção que era num lugar que tinha o Consulado Brasileiro. Então ele juntou as duas coisas. Há colegas nossos, gente que inclusive ocupa altos cargos na república, que iam lá em casa filar nossa boia, minha, de mamãe e da Carmela Pezzuti, enquanto cavavam um buraco pra me enterrar como agente da CIA, juro pra você. Era um negócio... Não, hoje eu tiro de letra, mas houve momentos muito difíceis de aguentar. Os caras frequentavam sua casa e... Agora, eu entendo. Entendo totalmente. Totalmente. Todo mundo que queria acreditar que a organização estava indo muito bem tinha que acreditar nele.

MANOEL MORAES – E não em você.

MARIA DO CARMO – Pra acreditar nele tinha que chegar a conclusão que a Inês era uma traidora e eu também. Só que focinho de porco não é tomada. Demora muito mais pra resolver, então até hoje ainda tem gente que acredita nessa merda lá de longe. Você acredita num negócio desse? Depois ficou claro, que ele matou todo mundo, que foi impossível... Nós ficamos tentando mandar os recados todos possíveis.

MANOEL MORAES – É onde entra Jorge Barrett.

MARIA DO CARMO – É, entra o Jorge... Como é que chama a menina? A irmã da Soledad? Que era amiga da gente... Esqueci. Mas ela, ela não entrou na de Soledad. No seguinte sentido, ela continuou minha amiga, o que significa que ela não acreditou. Mas Soledad me tratava mal pra burro. Não, mas a Soledad (...?...) com o cabo e ela era uma pessoa muito intransigente e autoritária. Não vou entrar no “Viva Soledad”

mesmo. Gosto muito do Urariano, do livro dele, mas ela era uma pessoa muito difícil, acreditou no cabo por que quis, por que foi alertada pela própria irmã, e por todo mundo e não acreditou por que se achava melhor que os outros. Me desculpe, mas essa é a minha visão de Soledad.

MANOEL MORAES – Mas ela era preparada assim...

MARIA DO CARMO – Era uma doida... Que é que é isso?

MANOEL MORAES – Não, mas eu digo, preparada assim, ela tinha preparação, uma formação... ?

MARIA DO CARMO – Era neta e filha de Partidão gente, o que é isso? Sabia muito mais do que eu.

MANOEL MORAES – Sim mas é isso o que eu estou dizendo, ela não era uma pessoa alienada? Dentro do contexto...

MARIA DO CARMO – Não. Ela creditou por que deslumbrou. Me desculpe, mas não se trata de condená-la de jeito nenhum, ela é uma vítima. Agora é também uma vítima da própria arrogância e da própria dificuldade de ouvir outros lados. Japa conhece ela muito bem.

MANOEL MORAES – Ah, foi? Você chegou a estar em Cuba com ela não é ?

MARIO JAPA - Lá em Cuba tinha um grupo, que formou-se... Aliás tinham dois grupos. O pessoal que banido de outras áreas e tinha o grupo dos marinheiros, marinheiros que estavam lá desde a OLAS, desde 67. Alguns até já estavam lá quando chegou o Anselmo, mandado daqui pra ser um lutador, representando o movimento, e tal. Eram quatro marinheiros, cinco. Cinco marinheiros e o Palhano que era o líder. O Palhano era um que tinha sido líder sindical bancário lá em (...?...) aqui, que era respeitadíssimo pelos cubanos, o cara era de confiança até... Era um cara que na OLAS continental, os cubanos confiavam nele, e quando tinha alguma missão lá os cubanos avalizavam, ele esteve na Coréia, em vários lugares, e ele era o líder do grupo. Quando eu cheguei lá em Cuba, eu tinha estado lá antes, antes de ser banido, eu tinha ido lá em 69. Foi lá o Onofre, o Ibrahim, o pessoal que foi solto pelo embaixador americano, e na época a gente conseguiu a adesão do Mario (...?...). Então tinham lá, eu acho que já eram quatro (...?...) mas aí eu encontrei esse grupo que em conversas e tal aderiram à VPR. Muito pelo Onofre que já era sargento e tal, mas esse grupo sempre esteve a parte e era o Palhano liderando o grupo. Quando eu voltei pra lá depois, banido, então a coisa foi natural e eu fiquei sendo o representante da VPR lá. Lá não teve nomeação e tal, mas o Lamarca também já escrevia daqui, e esse grupo então, eu convivi com eles

completamente compartimentado do resto. E esse pessoal era... os cubanos tinham um respeito por esse grupo incrível. Era Palhano, Anselmo, o Evaldo que morreu ali em Olinda, tinha o Quaresma, que veio e morreu, e o Ribamar que era o ex marido da Soledad. E a Soledad fazia parte do grupo, eu não sei... Ela chegou, era paraguaia e tal, ficou meio no ar assim, com uma filha pequena, essa que vive agora em Campinas.

MANOEL MORAES – Lembra do Edgar? O Edgar Aquino?

MARIO JAPA – Não. O Edgar já estava no Brasil. Adotou outro nome, já trabalhava normalmente...

MARIA DO CARMO – Eu acho que aquele incidente que houve em Cuba com ele é importante relatar.

MARIO JAPA – Pois é. Esse é um negócio meio delicado. Eu nunca falei esse negócio, mas como vocês são da Comissão e de Direitos Humanos, mas eu acho que não devem usar por que vai gerar uma coisa...

MANOEL MORAES – Se você quiser que eu desligue o gravador eu desligo sem problemas.

MARIO JAPA – Desliga então, só um pouquinho .

MARIA DO CARMO – Pra não provocar crises de homofobia...

MANOEL MORAES – Vou desligar aqui. Sem problemas.

MARIA DO CARMO – ...Todo mundo da família mudou e eu fiquei na casa deles. Do Zé Duarte e do Luís Travassos, em Santiago. E levaram lá o Diógenes. E aí o Diógenes disse pra mim: *“Você viu o Anselmo?”* – *“Vi”* - *“Quando você viu?”* Eu falei a data e ele falou: *“Bom, eu vi ele preso nessa data. Isso significa que esse ex companheiro passou pro inimigo”*. Assim mesmo. Bom, ele foi embora dali e eu fui pra minha casa. Foi o Zé Duarte que o recrutou. Ele se sentiu péssimo, então nós dois combinamos... A gente pirou, nós dois piramos... Aí a gente resolveu uma ação de panfletar o Recife contra o Anselmo, explicando quem ele era. Eu e o Duarte. Aí o Zé Duarte contou isso pro Anselmo... pro Onofre.

DENISE ASSIS – E aí o Anselmo ficou sabendo...

MARIA DO CARMO – Minha sogra, mulher do capitão, do major, coronel, sei lá, foi isso. Pra vocês entenderem como chegou lá. Ela mandou o seguinte recado: **(incompreensível)**. Aí essa parte eu também não contei pro Onofre, não é? Por que se

eu conto pro Onofre, ele é capaz de crucificar o major, que estava sendo tão generoso. E a D. Mary minha sogra, uma fofa de pessoa, que estavam querendo salvar minha vida. Pra ver se a gente tem dúvidas que foi nessa fase que essa cara passou pra direita. Por que não tem nada a ver com as coisas de antes. Nada a ver. Pegar uma pessoa feito eu assim e cismar de querer afoguentar, dizer que é agente, querer destruir alguém, poxa, isso é muita ruindade.

MARIO JAPA – O fato é que esse estratagema, isso foi mais ou menos aí por setembro, os caras ouviram dizer que a gente vinha e tal... Então eu fiquei tentando sair de Cuba por que a gente tinha combinado com a Pauline. Ela era uma dessas que tinha uma rede danada.

MARIA DO CARMO – Ela era nosso melhor contato internacional. Linda!

MARIO JAPA - Quando ela veio pra cá, a gente deixou armada uma forma de manter contato via Itália. Então, eles só iam concluir o negócio comigo. Então eu disse: *“Fala isso, diz pro Onofre que a gente vai sair daqui e vai se reunir”*. E eu tentei sair desesperado de Cuba pra chegar e ver se estava de pé aquela forma de comunicação ainda. Só que demorou, demorou, por que os cubanos queriam fazer uma coisa que eu dependia dos documentos que o banco fazia e tal e eu saí já em dezembro, fim de dezembro, 72. Aí quando eu chego na Itália pra procurar os contatos que eram da Pauline, pra ver alguma forma de contato, chego lá e não tem, a Pauline não estava se comunicando...

MARIA DO CARMO – Nós tentamos tudo.

MARIO JAPA – E enquanto eu estava na Itália eu fui pra Milão pra outro contato e quando eu chego em Milão estava a notícia lá do massacre. Quer dizer, então o Onofre tomou a iniciativa de anunciar. Quer dizer, o Onofre tomou a iniciativa sem esperar a gente, por que a ideia era simular esse negócio, que a gente vinha fazer um Congressinho aqui e tal, ia faltar muita gente, mas a gente ia ganhar tempo e aí bolar uma estratégia. Quer dizer que o Onofre tomou sozinho a iniciativa de mandar a carta via Jorge. Mandou a carta que a gente acha que seria pro Eudaldo e pros outros, mas a gente não tem certeza, nem sabemos o que é que dizia a carta. O fato é que chegou a carta e detonou o processo. A gente não sabe o teor dela. Por que foi uma iniciativa pessoal do Onofre. Ele tomou a nossa dianteira.

MANOEL MORAES – Mas olhe o que parece é o seguinte, que de certa forma a carta ou alguma coisa acontece que na verdade entra o Carlinhos Metralha, quer dizer a operação de resgate...

MARIA DO CARMO – Talvez tenha sido o próprio Jorge que tenha sacado alguma coisa, eu não sei.

MARIO JAPA – Não, o Jorge devia entregar a carta pro Eudaldo ou Pauline. E ele não entregou, veio e entregou direto pro cabo. Aparentemente não, entregou primeiro pra Soledad... Agora o que diz a carta a gente não sabe.

MANOEL MORAES – Ele diz isso. É por que na verdade tem um desencontro de horas. Tem um detalhamento aí interessante, por que quando o Jorge chega, ele não consegue se encontrar com Eudaldo e os outros companheiros. Eles, na verdade já estavam sob alerta. E aí quem tinha todos os contatos... Por que na verdade o que foi que aconteceu? Jorge diz o seguinte, quando ele chegou em Recife, ele não conseguia falar com as pessoas por que todas elas estavam em lugares onde ele não tinha acesso. Então na verdade ele ficou refém do processo.

MARIO JAPA – Essa carta que o Onofre escreveu ninguém sabe o teor. Que deflagrou o processo de matança deflagrou, agora se ele ali dizia tudo, se dava todos os indícios da coisa nós não sabemos.

MANOEL MORAES – Mas a operação... Fica claro que é uma operação pra resgatar o cabo Anselmo. Eles perceberam que ali ele estava com a vida em risco. Então eles operam a morte de todo mundo, criam, simulam a história do enfrentamento, que é pra na verdade preservar...

MARIO JAPA – Não, não é isso não. Não tinha por que resguardar o cabo Anselmo. Por que a gente sabia.

MARIA DO CARMO – Ah! Por favor, por favor.

MANOEL MORAES – A morte de Edgar não é por conta disso? Edgar morreu por quê?

MARIO JAPA – A gente não sabe quando é que ele morreu. Por que pegaram o Edgar...

MANOEL MORAES – Não, mas é depois. Por que Jorge quando chega em São Paulo encontra Edgar. E Edgar não sabia que... Quem conta a Edgar que cabo Anselmo era o cara é o Jorge. E quem atesta isso é Genoíno.

MARIO JAPA – Mas o Edgar estava preso.

MANOEL MORAES – Então. Veja só. O Edgar estava preso, segundo Genoíno, eu entrevistei Genoíno, José Genoíno, antes de Genoíno ter o enfarte, eu entrevistei Genoíno. Quinze dias antes do enfarte, daquele primeiro enfarte dele. Eu fui lá, ele me recebeu muito bem, e ele dá esse testemunho. O Edgar, naquele momento, não sabia

que o cabo Anselmo era infiltrado. Ao contrário, ele achava o cabo Anselmo um herói, e que ele tinha sido preso e que cabo Anselmo podia até ter sido morto.

MARIA DO CARMO – Por que os dois estavam na mesma prisão o que não quer dizer que eles se vissem...

MANOEL MORAES – Exato. Quando Jorge é transferido pra São Paulo, aí o que acontece, o Jorge começa a comentar com Genoíno e Edgar sobre a história das fotos, que o cara gostava de tirar fotos, e aí é quando o Edgar descobre que o cabo é a mesma pessoa. Que o cara é o cabo Anselmo. Aí tem uma cena que Genoíno fala que é dramática. Edgar gritando assim na prisão entendeu? Extremamente decepcionado, ele definha... Tem uma noite que quando pra ele cai a ficha de quem Anselmo era, não só Genoíno, mas também outras testemunhas dão conta disso, por que pra ele foi uma revolta muito grande. O cara pra ele era um símbolo, um herói.

MARIA DO CARMO – É. O cara tinha um carisma...

MANOEL MORAES – É o que se diz, não é?

MARIA DO CARMO – Eu conhecia ele pelos jornais. Era um homem muito bonito, não quer dizer que ele tivesse conteúdo, nada disso, foi o que eu vi, eu uma menina de 18/19 anos. No Chile quando ele chegou, ele chegou numa correria, quem dava cobertura fui eu, ele foi reconhecido pelo Zé Duarte; foi o que ele passou pra mim. Por que Zé Duarte dava a identificação de C+A, e passaram pra mim que era a pessoa avalizada pelo MIR chileno e MIR boliviano. Era ele. Lá fui eu. Nos sentamos num daqueles bares lá, vocês não podem avaliar, por que eu não esqueço, claro que eu esqueço um pouquinho, mas ele falou na morte do (...?...), ele foi falando como é que as coisas estavam, da necessidade dele retomar contato, a ordem que ele tinha era de achar o Onofre, e aí eu fui concordando com tudo e tal, aí eu perguntei diretamente: *“Como está o cabo Anselmo?”* e ele disse *“Tá tudo bem”*. Então aí marcamos um encontro, eu saí dali, entreguei ele pro Duarte (...?...), e marquei um ponto e passei as coordenadas pro Onofre. Cheguei em casa, abri a gaveta abri a carta da Inês e ela fala que o Anselmo tá preso, que o Anselmo virou, que ele é ajudou na morte de fulano, fulano e fulano. Tudo, tudo, tudo. Guardei a carta na gaveta, entrei em contato de novo com o Negão, e passei, foi a primeira pessoa a contar, dei a ele todos esses dados. Aí a Inês foi pro pau, e aí começou. É uma coisa de louco, de maluco, hoje parece ser simples, mas vocês não avaliam como foi difícil por que você falava daqui, outro falava dali, aí o Negão resolveu ameaçar, me ameaçar via mamãe, e por aí ia, uma coisa de doido. Ainda por cima, por exemplo, o Negão então deu o relatório pra Murilo, todos os outros. Murilo é meu cunhado, irmão o Ângelo, pai do meu filho Juarez. E eles acreditavam nele. Por que acreditar nele significava acreditar que ainda

tinha uma luz (...?...). Só isso. E aí o Ângelo sofreu demais da conta, o Ângelo Pezzuti, por que eu estava parindo o filho dele, a gente estava casado, estava junto e acreditar em mim, significava acreditar na CIA não é? No embaixador americano. Mas o Ângelo... E ainda por cima com a Inês estava muito difícil o diálogo. Então, ela brigou com Deus e o mundo. Mas isso aí é outro assunto. Era a dificuldade de relacionamento dela que era muito difícil. Todo mundo, todo mundo, todo mundo, Zuleide, Zenaide, Deus e o mundo. E aí, tudo isso, eu não estava nem no Brasil na época, eu soube depois por que...

DENISE ASSIS – Não, ela ficou isolada lá. A única que ficou com ela foi a Maria Cristina.

MARIA DO CARMO - Eu sei, eu conheço a Cristina, nós trabalhamos antes juntas. Exatamente, eu sei, conheço muito bem. Foi muito difícil.

DENISE ASSIS - E aí ela ficou isolada também. É uma história louca.

MARIA DO CARMO – Exatamente. Eu sei que era uma coisa muito difícil, eu estava fora, não estava entendendo nada... Sim, mas tá... Mas tem outros casos muito semelhantes.

(trecho incompreensível e quase inaudível))

MARIA DO CARMO – Claro que não. Imagina. São Paulo! Se você soube antes então...

MARIO JAPA – Eu?

MARIA DO CARMO – Não estou me (...?...)de contar absolutamente nada de ninguém, relacionado com o fdp.

MARIO JAPA – Nossa!

MARIA DO CARMO – De jeito nenhum! Mas o fato é que era um negócio tão difícil, tão delicado, e aí de repente, o Fernando comentando as coisas contra o cabo (...?...) Soledad esteve no Chile, me tratou de um jeito horroroso, conversei com a Nanni, o Jorge não tinha aparecido ainda, foi uma coisa de perplexidade absoluta. Eu imagino a situação da Nani. Ela é tão militante revolucionária como a Soledad. Também é neta do fundador do Partido Comunista Paraguaio. E a irmã fez essa opção, mas o que a irmã estava falando ela pouco estava ouvindo. Olha, aí apareceu o Jorge, esteve lá com o Negão, e o Negão começou a mandar dinheiro pro cabo. Depois que a gente saiu do Rio, eu cheguei no Chile, estive uma vez na Argélia...

DENISE ASSIS – Pra buscar o dinheiro do cofre?

MARIA DO CARMO – Não.

MANOEL MORAES – Foi o encerramento não é?

MARIA DO CARMO – Não. Não, isso já tinha sido entregue e eu tinha dito (...?...) fui pela segunda vez, já estava no Chile. Não, aliás não peguei nunca, em momento algum.

MANOEL MORAES – Em nenhum momento?

MARIA DO CARMO – Não. Só que pro cara era eu. Eu ia fazer o que? Graças a Deus, que maravilha ter passado lá. Quando o Ângelo morreu num acidente lá na França, o seguro paga, e pra mim sobrou um dinheiro grande que não podia passar pra mulher dele, tinha que ser eu, esposa legal. Então, era uma boa grana, nós botamos num carro, eu e o Japa que fomos juntos receber o dinheiro na França, podíamos pegar o carro sem o imposto, então compramos um Peugeot, e a gente falava que o Dr. Rui era o dono do carro. Só de gozação. Se lembra não, Japa? Ué! Já que vamos ser acusados, vamos fazer a brincadeira.

MARIO JAPA – Mas uma vez, numa entrevista duma psicóloga aí, que eu entendi o que é psicopata. E esse é o Onofre. É o cara que ele é normal, mas o traço objetivo dele é que ele não tem empatia com as pessoas, você vai falar com esse cara e ele tem um bloqueio qualquer que não raciocina. Aí eles não interagem. Foi aí que eu entendi que ser psicopata é isso. Tem muito psicopata por aí. É que a ideia que a gente tem de psicopata é de um cara criminoso. Mas não é, é esse cara que não interage com as pessoas, tudo o que o outro faz não influencia nele. Quer dizer, ele tem aquela coisa e vai em frente, tem um objetivo e vai em frente, não importa nada. Por mais que as pessoas tentem falar não há interferência nas coisas dele, ele vai em frente. Por mais evidências que chegassem nas mãos dele ele não conseguia se convencer da coisa. Por isso que eu duvido dessa carta que ele mandou. Ele só foi dizer quem foi o Anselmo depois do massacre. Mas antes não. Se ele estivesse convencido... E por isso que eu duvido do teor dessa carta... Ele já teria dito antes. Antes de escrever a carta. Teria conversado com mais alguém sobre o que fazer pra salvar os companheiros. O objetivo era esse, e tanto não fez que acabou matando! Então quer dizer, o que estava escrito lá?

MARIA DO CARMO – Meu Deus, a gente sabia e não conseguia. O Japa desesperado... Nós sabendo e aquele cretino manipulando.

MARIO JAPA – Só o massacre é que levou o cara a...

MARIA DO CARMO – A Pauline era uma mulher maravilhosa. Não é por que morreu não. Maravilhosa. Uma pessoa de uma doação! E o Eudaldo! Era um mulato baiano, lindo, eles tiveram uma relação de amor maravilhosa. Ela era uma mulher enorme, grandona que nem o irmão. Ela tinha sido a mulher do Ladislau, em outros tempos,

eram outros caminhos, mas ela era uma das... Ela e a Sonia eram as pessoas que faziam todos os nossos... Salvaram a vida de vários nomes em vários locais. Em vários locais. Eles eram de 45. A fase de 70, pros europeus, isso não é nada. Tudo tem mesmo ali, ele e ela já tinham vivido tudo, uma judia com namorado polonês, já tinha sofrido tudo o que tinha de sofrer; então sabia como se virar, bonita, inteligente, encantada, que maldade! A Soledad também, ela foi (...?..).

DENISE ASSIS – O que você disse?

MARIA DO CARMO – Garrote.

MARIO JAPA – Ela falou que foi garrote, mas muita gente acha que foi uma coronhada que afundou a cabeça dela. E é mais provável.

MARIA DO CARMO – O fato é que demorou muito a aceitarem... Não, não. Eu não acho não. Eu acho que foi garrote por que foi na tentativa de ela falar. Então os caras vão apertando ali (falas simultâneas, incompreensível). Demoraram também com relação à lara. (muitas falas)

DENISE ASSIS – Coincidência, eu estava voltando do Araguaia, parei na Bahia e fui jantar com uma turma de jornalistas que estava comigo e tinha um amigo na Bahia que disse “Vamos tomar um chope” e sentou na mesa esse cara que eu saquei que era policial. E o cara tomou um porre, tomou um porre e lá pelas tantas começou a contar: “Ah, eu matei a lara, mulher do Lamarca”.

MARIA DO CARMO – Não lembra o nome não?

DENISE ASSIS – E eu comecei: “Como?” – “Não, por que ela fugiu, deitou dentro da banheira e eu subi no basculante que dava exatamente pra diagonal aonde ela estava deitada na banheira. Eu dei um tiro só e ela morreu ali. E quem quiser saber disso, na Secretaria de Planejamento tem um arquivo no porão onde está o laudo cadavérico verdadeiro, por que o falso foi emitido não sei o quê como suicídio”. Eu vim pro Rio e chamei o Nelson Marcílio, que era perito na época e tinha acabado de resolver aquele crime da rua (...?..). Liguei pra ele e falei, “Nelson, eu ouvi isso na Bahia”. Ele falou “Denise, precisamos achar alguma coisa com relação a ela que possa provar isso”. Eu falei: “Eu vou no arquivo” e fui no arquivo e pedi o prontuário da lara. Quando eu abro o prontuário a primeira coisa que vem é a foto dela deitada na banheira com um tiro no externo. Eu falei: “Isso eu tenho que levar pro Marcílio”. Quem se suicida ou dá um tiro no ouvido ou na cabeça. Como é que você vai tentar se matar com um tiro no externo? E exatamente tinha o basculante que o cara descreveu, e ela na banheira. E aí eu levei pro Marcílio então ele me disse: “É exatamente o que o cara falou.”

MARIO JAPA – E acharam o laudo verdadeiro?

DENISE ASSIS – Não. Mas pela foto ele conseguiu provar e levou pra família e provou que ela não tinha se suicidado. Que ela tinha recebido um tiro.

MARIO JAPA – Mas e esse arquivo aí que o cara falou deve ter mais outras coisas então, se guardaram esse...

DENISE ASSIS – Tem, se está descobrindo várias coisas.

MARIO JAPA – Deve ser na Bahia.

DENISE ASSIS – Ah, está lá. Agora só falta arrumar o final. Por que também a tese... Não isso vem depois.

MARIA DO CARMO – Eu soube que a comissão do rio fez um trabalho o mais sério possível.

(várias falas simultâneas, incompreensível)

MARIA DO CARMO - Ela tinha uma dúvida, não tinha a facilidade de email, coisa nenhuma, ela telefonava... Por que a lara foi um negócio tão afetivo, tão agradável, tão maravilhoso. Era uma coisa linda.

DENISE ASSIS – É. Parece que por onde ela passou ela deixou...

MARIA DO CARMO – Só deixou coisas lindas, coisas boas. A não ser, um sargento de um metro e meio, que tem esse problemas na vida, pelo um metro e meio, e que quer falar mal de todo mundo. Aí isso é difícil.

DENISE ASSIS – Quem é esse sargento?

MANOEL MORAES – Mas Lia...

MARIA DO CARMO – Não, eu estou falando genérico.

DENISE ASSIS – Mas você foi muito enfática.

MARIA DO CARMO - Homem baixinho é um problema grave.

MARIO JAPA – Não, isso não é problema não. Ser sargento é que é. Nada pior que um sargento. Tem que entender a personalidade do sargento. Esse é o cara que chegou lá na bica e não pode... Chegou no limite e é espezinhado diariamente. Eu entendo perfeitamente por que os sargentos de 63, conseguiram um monte de coisas e de repente... É uma das explicações pra o movimento dos sargentos. É essa.

(ao mesmo tempo da fala de Mario Japa continua a conversa de Lia e denisa, não dá pra entender o que é falado. Só trechos)

MARIA DO CARMO – E esses caras, por exemplo, quando a gente trabalhava normalmente aqui no Rio, na época da militância política, eles queriam, quando a gente ganhava uma graninha pra comer... Na época existia um prato, era um prato feito...

MARIO JAPA – Arroz com feijão.

MARIA DO CARMO - Que segunda feira era arroz com almôndegas e era bem barato... Eu e o Zé Gradel preferíamos ficar sem comer, só comer um pão duro por três dias aí a gente ia no restaurante e dividia um prato. Aí passava mais três dias de fome. Aí os sargentinhos resolveram que tinha um jeito da gente baratear, que era comer na Lapa. Aí a gente falou *“Peraí, a gente vai ser preso pela polícia política não pelas circunstâncias”*. Vocês acham que eu estou brincando? É inacreditável, não é? Totalmente. Sargento é um perigo.

(muitas conversas inaudíveis)

DENISE ASSIS – Lia a gente vai embora por causa do horário. Me conte uma coisa, só pra encerrar. Você sabe alguma coisa da queda do Stuart?

MARIA DO CARMO – Nada. Eu não estava aqui. Foi em 71 e eu saí em 70.

DENISE ASSIS – Ô Mário, você sabe que eu usei no meu livro uma descrição sua? Uma cena que você descreveu eu usei no meu livro.

MARIO JAPA – Que responsabilidade, está vendo?

DENISE ASSIS – Mas eu dei o crédito pra você.

MARIO JAPA – Tá certo. Qual é a cena?

DENISE ASSIS – É aquela que você me contou quando eu fiz uma reportagem, você lembra?

MARIA DO CARMO – Três dias de matéria.

DENISE ASSIS – Você me contou que quando vocês chegaram o avião baixou e o povo invadiu e deu porrada nos agentes que estavam levando os presos daqui.

MARIO JAPA – Ah, é que eles queriam descer *“Não, nós vamos entregar na embaixada”*, aí o pessoal: – *“Que embaixada, o pessoal tá livre”*.

DENISE ASSIS – Pois é eu escrevi essa cena no meu livro, mas não disse que era você não.

MANOEL MORAES – É fantástico. Eu vi essa cena em Hércules 53, não é?

MARIA DO CARMO – A gente na Argélia também foi duro. por que nós chegamos todos algemados, alias que nem esse governo de Dilma fez com a turma do mensalão. É surreal. Mas nós chegamos todos algemados e quando chegamos na porta do avião então o governo argelino dava uma bonequinha árabe pra o torturador ir embora e botava um refugiado... Refugiado nada... Botava um militante do MPLA ou da FRELIMO ou da Guiné Bissau pra escoltar a gente pro lado de fora do aeroporto. Foi lindo, ficaram os torturadores lá de bonequinha árabe e nós...

DENISE ASSIS – Mas eu acabei não te contando a fala do Giocondo. Ele me contou na época que a coisa que ele mais se emocionou foi que no dia seguinte quando vocês chegam lá ele acordou com as moças cantando, o que há muito tempo ele não ouvia. Alguém cantando...

MARIO JAPA – Na Argélia?

DENISE ASSIS – Sim. No amanhecer.

MARIO JAPA – O Giocondo não, o Apolônio.

DENISE ASSIS – Aí ele falou: *“Aquilo foi um sol na minha vida, por que eu nunca mais tinha escutado moças cantando”*.

MARIA DO CARMO – E éramos nós, eu só dormi quinze dias depois de chegar lá. Por que já iam intervir com um médico por eu não conseguia dormir. Eu acho que eu estava muito doente. Por exemplo, botavam pra gente assistir um monte de coisas, quando ia começar eu fechava o olho. Quando parava eu abria o olho, não conseguia dormir. A gente tentou tudo e eu não conseguia dormir. Nada. Nada.

MARIO JAPA – Era tortura continuada, pô.

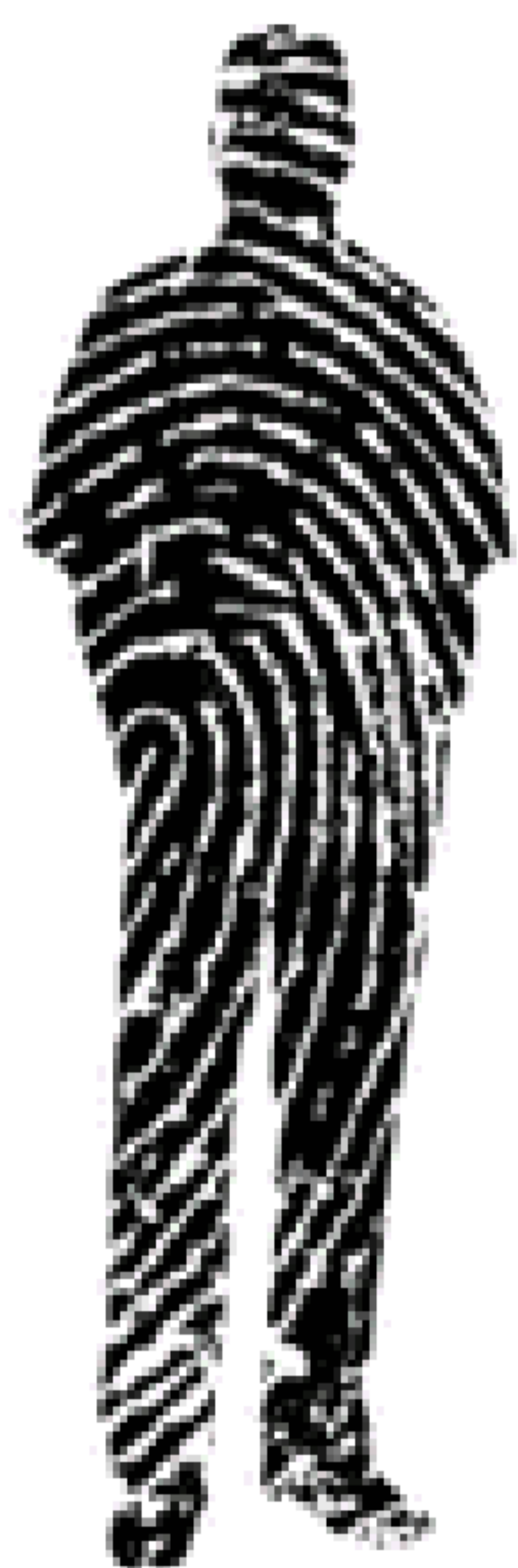
MARIA DO CARMO. A gente cantou muito e eu continuei cantando vários dias. O Apolônio era aquele que era o cavaleiro andante, o chevalier de mamãe. Quando a gente chegou em Portugal fomos parar num alojamento que Portugal tinha feito pra refugiar os filhos do Brasil. Quem estava lá? O Aragão. E na mesma noite lá fomos nós fazer serenata pra ele: *“Ó cisne branco que em noite de lua...”* gente! A emoção dele. A coisa mais linda. Ele ficou numa emoção! Merecia não é? Mas isso pra eles é uma coisa muito séria.

MANOEL MORAES – Eu queria agradecer a você e a Mário, a gente já tomou muito o tempo de vocês, agradecer em nome da sociedade pernambucana, da Comissão da Verdade de Pernambuco, agradecer à Comissão do Rio de Janeiro, agradecer essa entrevista que vocês estão nos dando, esse tempo precioso de vocês e dizer que foi muito rico pra gente e dentro do que a gente possa trazer à vida dessas pessoas que tombaram. Por que na verdade esse é o grande objetivo, não é? Fazer com que essa história se conte pra que não se repita.

DENISE ASSIS – Por mais que a gente ouça a gente não cansa de ouvir.

MARIA DO CARMO – E tomara que nunca mais aconteça.

MANOEL MORAES – Muito obrigado e boa noite. -----



COMISSÃO ESTADUAL DA
**MEMÓRIA
E VERDADE**
DOM HELDER CÂMARA